

A Revista de Espiritismo

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA



Paleotécnica
Metapsíquica
Esoterismo
Ética

Novembro-Dezembro

ANO III - 1929

6

Moldagem transcendental
de duas mãos fantasmáticas obtida no Instituto
Metapsíquico Internacional de Paris
pelo Dr. Gustave Geley

SUMARIO Práticas Supersticiosas — A. GOMES DUARTE; Religiões — EUGÉNIO TAVARES; Uma viagem pela Cidade da Luz — AUGUSTO FLORES; A Divina Lei da Reincarnação do Espiritismo — GAMALIEL; Sôbre o Problema do Mal — ANTONÍO L. VILELA; Um caso de Aparição — JOAQUIM DIAS; Três Fantasmas — ANTONIO BARBOSA; Inquérito — IX — PEDRO CAMARGO (VINICIUS); Factos supranormais; Federação Espírita Portuguesa; Noticiário.

Revista de Espiritismo

Metapsíquica-Esoterismo

Hipnomagnetismo-Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Editor: — *José Pereira Serra*

Administradores: { *António Castanheira de Moura*
Pollicarpo Salvador de Almeida

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. António J. Frelre* — *António L. Vilela*.

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia*.

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia* — *D. Maria O'Neill* — *D. Madalena Frondoni Lacombe* — *D. Quintin López Gomez* — *Dr. Carneiro de Moura* — *Dr. João Antunes* — *Dr. Évora Macedo* — *Dr. Amílcar de Sousa* — *Capitão A. Carnell* — *Prof. Arantes Pereira* — *Engenheiro José A. Manique de Albuquerque* — *Pedro Carreira Dias de Sousa* — *A. A. de Freitas e Silva* — *Joaquim Quintela Paixão* — *Manuel Cavaco* — *Ramiro Guedes de Campos* — *Carlos dos Santos Paiva* — *José M. Pereira Bravo* — *Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz* — *Capitão Augusto da Silva Flores* — *Capitão Eurico de Castro Zuzarte* — *Tenente Manuel Caetano de Sousa*.

AOS NOSSOS ASSINANTES

A Comissão Directiva desta Revista tem empregado todos os seus esforços para manter o preço das assinaturas através dos sucessivos aumentos que tem sofrido o papel e a cartolina, sem que daí resultassem encargos financeiros para a Federação.

Hoje porém, que o aumento se tornou considerável, vemo-nos forçados a alterar os preços das assinaturas, esperando que os nossos prezados assinantes coadjuvem os nossos esforços honrando-nos com o seu apoio.

A todos pedimos que nos consigam novas assinaturas, para podermos fazer face às enormes despesas que representa esta publicação.

AVISO — A começar em Janeiro de 1930 os preços desta Revista passam a ser os seguintes: Portugal Continental, Ilhas e Espanha—18\$00; Colónias Portuguesas — 22\$50; Brasil — 12\$50 (moeda brasileira); Estrangeiro — 40 francos franceses.

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Comp. e Imp.
TIP. CENTRAL, LIMITADA — LEIRIA

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

Práticas Supersticiosas

Os recentes casos de charlatanismo ocorridos em Lisboa e caídos na alçada da polícia, mistificação em que a boa fé e a ignorância dos incautos é torpemente ludibriada com práticas grosseiras de pseudo-espiritismo, veio lançar o alarme e pôr de sobreaviso, contra tais práticas, mistificadoras e condenáveis, visando apenas fins gananciosos e especulativos, não só a polícia, como também todas aquelas pessoas que, tendo abraçado com convicção as doutrinas espíritas, aspiram pela sua dignificação e não se deixam facilmente suggestionar por práticas grosseiras, sem base alguma científica e que exigem, como satisfação à sua consciência e à sua própria curiosidade, demonstrações evidentes e racionalmente orientadas dos fenómenos supra-normais que hoje estão prendendo a atenção das maiores mentalidades e interessando grandemente todos aqueles que se dedicam, por curiosidade investigadora e científica ou por necessidade espiritual, aos momentosos problemas metapsíquicos e metafísicos.

A forte corrente neo-espírita que, depois dos aturados estudos de Rochas, de Crookes, de Geley, de Delanne, etc. está avassalando o mundo, apaixonando altos espíritos, apeando e destruindo velhos ídolos que, perante a evidência e a irrefutabilidade das novas doutrinas, tinham necessariamente de se pulverizar como velhas e inúteis quimeras, só há relativamente pouco tempo ainda, e mercê dos esforços da benemérita Federação Espírita Portuguesa, começou a fazer prosélitos entre nós e a difundir, neste país de antigas e arreigadas crenças, a benéfica e refulgente luz que a aureola, resgatando assim, o povo português, de quasi um milénio de servilismo religioso e de obscurantismo intelectual em que propositadamente foi mantido, *Ad Majorem Dei Gloriam*.

A-pesar-de a F. E. P. contar apenas três anos de existência são já bastantes os benefícios que todos lhe devemos; e se não conseguiu ainda, por meio da propaganda e catequese, como é seu desejo e um dos seus principais escopos, difundir de norte a sul do país, tão aferrado à tradição e dominado pela ancestralidade, a *Verdade*, pulverizando, por um lado, velharias que embrutecem, acabando, por outro, com práticas supersticiosas, tornando evidente, a todos, a Beleza e a Verdade do Espiritismo, cuja prática se não compadece com *trucs* ou atitudes duvidosas, antes apoia e fundamenta as suas conclusões, no campo do supra-normal, em teorias racionais ao alcance de todas as inteligências e já hoje universalmente aceites, e em demonstrações práticas, científica e escrupulosamente controladas a cuja realização está ligado o nome de sábios contemporâneos de toda a consideração e probidade científica; se ainda não conseguiu, dizíamos, atingir, duma maneira completa, os dois citados objectivos, devido a circunstâncias especiais, entre as quais sobressai a falta de sede adequada, onde possa instalar con-

venientemente os seus serviços de propaganda e expediente, problema que felizmente está em via de solução e para o qual muito tem contribuído a boa vontade dos confrades do continente, colónias e Brasil, justo é reconhecer e declarar que os resultados obtidos, em tão curto prazo de tempo, são deveras animadores e demonstrativos da forma como a Verdade da doutrina espírita cai bem e frutifica no ânimo de todos os que anseiam por se livrar do círculo de ferro em que os encerraram os dogmas duma religião baseada, é certo, na mais sã moral e nos princípios sublimes que Jesus Cristo prègou, mas que chegaram até nós absolutamente desvirtuados, na prática, por tãda uma longa série de atropelos aos sublimes ditames do Mestre.

Mas, os já referidos e recentes casos de charlatanismo espírita a que a polícia de Lisboa, e muito bem, pôs termo, lançando mão dos impostores que, explorando a ignorância e a credence, especialmente dos deprimidos por desgostos morais e dos enfermos de espírito e corpo, constituem caso virgem ou são factos esporádicos e privativos dum país onde, ainda infelizmente, é elevada a percentagem dos analfabetos? Não. A credence em feitiçarias e sortilégios veio da mais alta antiguidade. Foi e é peculiar a todos os povos e alguns houve, especialmente os romanos, entre os quais teve tal importância que os augures constituíram uma casta sacerdotal que chegou a ser temida e disfrutou grande preponderância em todos os negócios públicos. E por nos parecer interessante passamos a descrever, dum modo sucinto, dada a índole desta publicação, o que têm sido através os tempos a *feitiçaria* e a *magia*.

Entre os povos orientais já a magia era conhecida e os antigos superaram conseguir, por seu intermédio, submeter à sua vontade potências superiores (Espíritos, Génios, Demónios, etc.); evocá-los ou conjurá-los por encantamentos, sortilégios, etc.; mudar, com o seu auxílio, o curso da natureza; domar os elementos; operar feitos extraordinários, tais como adivinhações, aparições, transformações, curas súbitas, doenças mortais, sentimentos irresistíveis de amor e de ódio, etc., etc.

O nome — *Magia* — dado a esta arte maravilhosa, vem-lhe do facto dos antigos atribuírem a sua invenção aos magos (sacerdotes da religião de Zoroastro) da Medeia (actual Irak) donde se teria propagado à Caldéa, e de lá, à Grécia; mas o que é certo é que, a crença em encantamentos e sortilégios, consequência da superstição e ignorância da maioria e da esperteza ou velharia duma minoria, encontra-se em todas as idades e em todos os povos. E tanto assim é que a Bíblia fala-nos já dos mágicos da cõrte dos Faraós.

A magia foi também praticada intensamente pelos gnósticos ⁽¹⁾ um dos quais, Simão o Mágico, é citado no Novo Testamento. Na Grécia, Circeia e Medeia ⁽²⁾, espécie de divindades, são representadas como dispendo de grande poder mágico. Os tessalianos eram peritos nas artes mágicas.

Em Roma, a crença nestas práticas e a convicção do seu êxito, estavam

(1) **Gnósticos:** Partidários de determinada doutrina religiosa e filosófica divulgada sobretudo na Asia e no Egipto e que teve uma grande voga no primeiro século da era cristã e nos séculos seguintes. Os partidários desta doutrina consideravam como insuficiente e inexacta a revelação contida nos livros santos e pretendiam a verdadeira sciência (*Gnosis*) da divindade e de todas as coisas divinas. Esta doutrina, saída da aliança das crenças orientais com a religião judaica ou cristã e com a filosofia platónica, deu origem à nascença duma multidão de seitas. Vide: «*Histoire Critique du Gnosticisme*» por M. Martin.

(2) **Circeia e Medeia:** Segundo a mitologia grega, Circeia era filha do Sol e da ninfa Persa e converteu em porcos, pelas suas beberagens encantadas, os companheiros de Ulisses que abandonaram a ilha de Aea onde vivia; o herói, porém, escapa aos seus sortilégios com o auxílio duma erva que lhe havia dado Minerva. Medeia era filha de Aetes, rei da Cólchida, e da mágica Hipsia cuja sciência herdou.

fortemente espalhadas no tempo de Horácio, conforme o testemunho d'êste célebre poeta que, não obstante fervoroso adepto das teorias epicuristas, fazia consistir a felicidade no uso moderado dos bens da vida e recomendava a prática da virtude. Foi porém, especialmente, na vigência do império, já quando as antigas virtudes romanas se encontravam em pleno declínio e por esta razão mesma, que a magia teve mais numerosos adeptos aliando-se ao neo-pitagorismo e tendo como principal cultor Apolônio de Tiana. No reinado do imperador Juliano que, por ter abjurado o cristianismo, foi cognominado o apóstata e em virtude do regresso ao paganismo d'êste príncipe, vamos encontrá-la ligada à teurgia (1) para combater o cristianismo.

Na Idade Média, nesse período de obscurantismo que foi qual noite caliginosa cujas trevas só começaram a dissipar-se com a alvorada da Renascença, a magia, com todo o seu maravilhoso, encontra-se nos pretendidos prodígios atribuídos às fadas, aos encantadores e aos feiticeiros.

A severidade das leis convergiu bastas vezes sobre êste assunto, cominando penas contra os encantadores, feiticeiros, etc.; mas bem se pode dizer que as suas práticas se atenuaram, não tanto pelo temor das penas, como pela difusão da sciência que trouxe às populações, escravizadas pela ignorância e presas do maravilhoso, as luzes do progresso.

Mas todos os indivíduos que se entregaram às práticas mágicas foram impostores e charlatães? Alguns houve que chegaram a produzir efeitos extraordinários para a época, o que, aliás, conseguiram por meios naturais, quer com conhecimentos tirados à química, à física, à farmácia e ignorados do vulgo, quer recorrendo a filtros e beberagens que, agindo sobre o cérebro, dispunham os espíritos a tôda a sorte de ilusões e de alucinações.

Os processos usados na antiguidade e na Idade Média pelos indivíduos que praticavam as artes mágicas, não diferem essencialmente dos empregados em nossos dias, tão certo é, como diz o Eclesiastes, não haver nada novo debaixo do sol. Na verdade, a esperteza e a velhacaria humanas nada conseguiram aumentar às vetustas artimanhas empregadas para iludir e explorar a humanidade. As mesmas causas produziram sempre os mesmos efeitos.

Os antigos para obrarem prodígios que deslumbravam e intimidavam as multidões supersticiosas e ignaras, empregavam idênticos processos aos dos feiticeiros hodiernos. Para conseguir, por exemplo, fazer sofrer alguém em determinado sítio ou matá-lo instantaneamente, bastava picar, destruir ou queimar uma imagem de cêra representando a pessoa contra a qual se queria empregar o malefício. Acreditava-se que a pessoa sofria exactamente na parte picada na imagem. Uma picada no coração, por exemplo, produzia, segundo tal teoria, a morte imediata (2).

(1) **Teurgia:** A teurgia consubstanciava determinadas práticas por intermédio das quais os pagãos pretendiam pôr-se em comunicação com a divindade e os génios benfazejos e produzir, com o seu auxílio, efeitos sobrenaturais. Estava em opposição à *Goécia* que invocava os espíritos maus para fins malfazejos. A teurgia foi muito cultivada entre os egípcios e os caldeus. Só, porém, nos últimos séculos do paganismo se introduziu na Grécia que a recebeu à mistura com as doutrinas orientais.

(2) Os indígenas do Congo, especialmente musserongos e fiotes, praticam, como todos os povos num estado quasi que primitivo, a feitiçaria. Entre muitas práticas desta natureza, que, entre êles, tivemos ocasião de observar e que se tornaria fastidioso aqui relatar, notámos uma, possuindo certa semelhança com o que no texto escrevemos acerca da imagem de cêra usada pelos antigos segundo o testemunho de Horácio (Sat. I, 8, 29) e empregada muitas vezes também na Idade Média: — Em cada povoação e na respectiva cubata chamada do *Muquichi* (feitiço) onde guardam os manipaços e os amuletos que pelo seu tamanho e feitiço não podem trazer consigo, existe um idolo toscamente talhado em madeira, representando uma figura humana e com um metro aproximadamente de altura. O corpo desta figura grotesca, que é pintado de *Tacula*, apresentando, por isso, uma côr avermelhada parecida com a do tijôlo, vê-se erizado de pregos, de bocados de varetas de espingarda, de facas velhas,

Os feiticeiros modernos servem-se, entre outros malefícios, dum sapo que enclausuram vivo numa panela de barro, metendo, na boca do reptil, um pequeno pedaço de trapo proveniente de qualquer peça de vestuário da pessoa quem se quer atingir. Acredita-se que a pessoa enfeitizada se vai mirrando, a par e passo que o sapo enfraquece por falta de alimentos, vindo a morrer logo que o animal se extingue; desenlace demorado em virtude da conhecida faculdade que estes reptis teem de se conservarem em estado letárgico durante muito tempo.

Da mesma sorte que a magia, a feitiçaria, que difere um pouco da primeira nas respectivas práticas, vem também da mais alta antiguidade. No seu verdadeiro significado etimológico o feiticeiro (do latim *Sortiarius*) é aquele que prediz a sorte ou deita sortes, homem que faz pacto com o diabo para, por seu intermédio, operar prodígios ou malefícios.

Durante a Idade Média todo aquele sôbre quem pesava a acusação de feiticeiro era queimado vivo. Joana d'Arc, Urbain Grandier e a marechala d'Encre, pereceram nas chamas pelo único crime de serem tidos como feiticeiros (1).

A Inquisição sobretudo, êsse flagelo que converteu a Península Hispânica num brazeiro e que foi, a um tempo, tribunal político e religioso, levou ao pôtro ou à fogueira milhares de infelizes que, as mais das vezes, uma simples denúncia motivada pelo ódio dum inimigo, atirava para os seus cárceres.

E êste horroroso estado de coisas manteve-se por alguns séculos, pois só no século XVII, as acusações por feitiçaria deixaram de ser admitidas nos tribunais.

Existiram vários livros de conjurações, espécie de moderno almanaque de S. Cipriano, com o auxílio dos quais os feiticeiros pretendiam evocar os demónios. As fórmulas dêstes livros constituíam um ritual cabalístico com-

etc., de tudo enfim que seja susceptível de poder furar a madeira rija em que é talhada a figura. Pois cada um dêstes bocados de ferro representa um malefício e foi ali espetado muito intencionalmente porque existe entre os indígenas a crença de que basta cravar no manipaço um prego ou qualquer outra coisa perfurante com o sentido posto em alguém a quem se deseje mal, para que essa pessoa adoeça logo e morra até se não houver o cuidado e a comiseção de arrancar, antes disso, o prego.

(1) Para mais completa ilucidação do leitor escrevemos duas palavras sôbre U. Grandier e a marechala d'Encre, abstenho-nos de o fazer sôbre Joana d'Arc, a Pucela de Orleães, hoje canonizada a-pesar-de ter sido queimada como feiticeira, por ser figura histórica assás conhecida. Urbain Grandier foi um padre francês que se tornou célebre pelo seu trágico fim. Foi cura de Saint Pierre em Londun e cônego de Ste. Croix. Tendo solicitado o lugar de director espiritual das religiosas dum convento de Urselinas em Londun, foi preterido por um concorrente mais afortunado. Pouco depois as recolhidas foram atingidas por uma espécie de loucura religiosa e julgaram-se atormentadas por espíritos malignos. Acreditou-se também que estavam possuídas do demónio e acusaram Grandier de lhes ter deitado o malefício. Não se conformando, como era natural, o cura apresentou uma queixa ao arcebispo de Bordeus que acalmou os espíritos ao mesmo tempo que abafava o escândalo. Pouco tempo depois, tendo vindo a Londun um emissário do cardial de Richelieu, a queixa foi novamente apresentada perante êle, e o infeliz Grandier foi queimado vivo, depois de ter sido sujeito à tortura, na praça de Londun, em 1635. O suplicio iníquo infligido a Grandier foi uma vingança cruel e mesquinha de Richelieu, contra o qual, o cura havia escrito, em tempos, um panfleto.

A marechala d'Encre, Leonor Caligai, foi casada com o veneziano Concini e veio para França com Maria de Médicis que desposou Henrique IV. Foi dama da câmara e favorita da rainha de cuja protecção se serviu para elevar o marido aos mais altos cargos, o qual, depois da morte dêste rei, comprou o marquesado d'Encre, foi nomeado governador da Normandia e enfim marechal da França sem nunca ter desembainhado a espada. Invejado pelos grandes senhores que o intrigaram perante o jôvem rei Luís XIII de quem era primeiro ministro, foi por êle mandado assassinar em 24 de Abril de 1617. Sua mulher condenada á morte como feiticeira, foi decapitada, depois queimada e o seu filho declarado pelo parlamento *ignóbil e incapaz de ocupar qualquer lugar no reino.*

posto de palavras estranhas. Em França, publicaram-se três livros (*Grimoire*) dêste género. «O Livro do Papa Honório», «As Verdadeiras Chaves de Salomão», «O Grande Livro de Salomão» e «A Magia Negra» (1).

Em nossos dias, dá-se o nome de Magia Branca ou Magia Natural, à arte de produzir efeitos maravilhosos por meios puramente naturais, tirados da física, da química, da arte de prestidigitação, tal como foi praticado no século XVIII por Cagliostro e mais recentemente por Comte, Bosco, Houdin, etc. Os gregos e muito especialmente os romanos, tiveram os augures, como já dissemos, que eram sacerdotes encarregados de tomar os auspícios predizendo o futuro pelo vôo de certas aves, tais como a águia, o corvo, o abutre, a gralha, etc. Quando estas aves voavam alto e a direito, desferindo bem as asas, davam bons preságios, e maus se voavam incertamente e junto à terra. Os augures formavam um colégio sacerdotal que gozou, durante séculos, de grande autoridade, pois que nenhuma empresa de carácter público se cometa sem que se consultassem os auspícios. E tão importante era considerado o augurato que foi, durante muito tempo, apenas reservado aos patrícios, e só em 32 a. J. C. o respectivo colégio passou a ser constituído por nobres e plebeus em partes iguais.

O papel mais importante, porém, no campo do sobrenatural, foi desempenhado, entre os gregos, pelos oráculos que exerceram sempre uma influência decisiva na resolução de todos os actos públicos daquele grande povo da antiguidade. Ao contrário dos romanos que, embora recorrendo algumas vezes aos oráculos, preferiam os augures, os helenos tinham as respostas recebidas dos oráculos como emanadas dos deuses e dos heróis. Tais respostas eram dadas, quer verbalmente por um profeta ou profetisa, quer por um sonho, um ruído, um sinal, qualquer outra coisa, enfim, de que os padres davam a significação. As respostas proferiam-se nos templos, nos bosques, em grutas e em outros lugares que, por isso mesmo, se chamavam também oráculos. Foram muitos os oráculos e alguns bastante afamados.

Os povos bárbaros da Europa antiga tiveram também os seus oráculos, e dos mais famosos foi o da ilha de Seyn, na Bretanha, que era servido por nove druidas (2).

Os padres da Igreja Católica atribuíram os oráculos ao diabo; os filósofos do último século à impostura dos sacerdotes; em nossos dias, excluída, é claro, a dose de charlatanismo e de impostura inerente sempre a tais casos, podê-los-emos explicar por uma espécie de visão ou clarividência, ou por transportes extáticos, algumas vezes até, produzidos por uma influência física exterior. Tal era o caso das pitonisas.

(1) Feiticeiros houve condenados à fogueira que tão convencidos estavam da verdade da sua arte que, até nos suplicios proclamavam a eficácia e veracidade dos seus processos.

Aos homens que se distinguiram pelos seus conhecimentos também foi dada a qualificação de mágicos e de feiticeiros. Alberto o Grande, o monge Gilberto, depois papa sob o nome de Silvestre II, Rogerio Bacon, etc. Vide «*Apologie pour les Grands Hommes Soupçonnés de Magie*» por Gabriel Nand.

(2) *Druidas*, padres da antiga Gália. Estes sacerdotes acreditavam na immortalidade da alma e na metempsicose. O objecto do seu culto era sobretudo a natureza. Não tinham templos e reuniam-se para a prática do culto nas florestas, à sombra das árvores seculares. Imolavam vítimas humanas e o seu culto era misturado duma grande quantidade de práticas supersticiosas, atribuindo também virtudes sobrenaturais a inúmeras plantas. Eram, ao mesmo tempo, sacerdotes, médicos, astrónomos e físicos. Não tinham nada escrito e toda a sua sciência era retida de cor e transmitida oralmente. Tinham também sacerdotizas que prediziam o futuro olhando as entranhas das vítimas.

As práticas da religião druídica, ainda que um pouco atenuadas, mantiveram-se até 618, data em que foram condenadas pelo concílio de Nantes. Os dolmens, menhirs, antas, monumentos megalíticos pre-históricos, dos quais existem no nosso país alguns exemplares, supõe-se terem sido levantados para servirem de altar onde se imolavam as vítimas do culto druídico.

A mais antiga pitonisa de que há conhecimento é a chamada de Endor, cidade da Palestina perto do monte Tabor. Segundo refere a Bíblia, esta pitonisa evocou, diante de Saul, a sombra de Samuel, antes da batalha de Gelboë e predisse a sua morte.

Se, porém, a pitonisa de Endor é a mais antiga de que há conhecimento, a mais célebre de toda a antiguidade foi a de Delfos, cidade da Fócida, na Grécia, que dava os oráculos em nome de Apolo e que era sempre uma mulher virgem, sendo primitivamente escolhida entre as jóvens, até que depois se acordou que tivesse cinquenta anos.

A pitonisa antes de proferir as respostas, geralmente concebidas, em termos ambíguos e susceptíveis, portanto, de várias interpretações mascava fôlhas de loureiro; depois caía numa exaltação que sem dúvida era auxiliada pelo suco desta planta; subia então para um trípodo, colocado em cima duma abertura donde saíam vapores espessos de perfumes; após o que, caía novamente numa agitação violenta que se considerava produzida pelo espírito divino e as palavras que então pronunciava eram preciosamente recolhidas pelos padres do templo.

As modernas pitonisas procedem de modo análogo; mas, com a diferença que, as da Hélada, formaram uma instituição nacional, e, até certo ponto, precisa, se atendermos à época e ao atraso das sciências, enquanto as modernas vivem à margem da lei, explorando, com as suas práticas e artimanhas, os ignaros e incautos e pretendendo, criminosamente, impôr os seus embustes grosseiros, escudando-se no Espiritismo de que se dizem adeptos, mas cuja fenomenologia e princípios mais rudimentares ignoram.

Além das pitonisas tiveram os helenos e os romanos as sibilas às quais atribuíram também inspiração divina. Os seus oráculos eram dados igualmente em termos ambíguos; e, as mais das vezes, escreviam-nos em fôlhas volantes que dispersavam ao vento. Os escritores antigos não estão de acôrdo quanto ao seu número. As mais célebres, porém, e das quais chegaram até nós algumas das suas predições, foram a de Cumas e de Erylhrea. A primeira, à qual se deu também os nomes de Herofilo, Manto e Amaltea, vendeu a Tarquinio o Antigo, quinto rei de Roma e cuja mulher Tanaquil sabia também predizer o futuro, os livros chamados sibilinos que encerravam todo o futuro de Roma. Este príncipe depositou os preciosos livros no Capitólio e confiou-os à guarda de dois sacerdotes denominados — *Duumviro*s, cujo número foi posteriormente elevado a quinze — *Quindecimviro*s.

Os livros sibilinos eram consultados em todas as ocasiões críticas ou importantes para a marcha dos negócios públicos, e sempre neles se encontrava, dizia-se, úteis revelações. Tendo sido queimados tais livros, num incêndio do Capitólio, (83 a. J. C.) deliberou o Senado enviar a todas as cidades da Itália e da Grécia delegados seus, a-fim-de recolherem o maior número de predições sibilinas, e, por esta forma, se conseguiu uma colecção que, em 399 da nossa era, foi mandada queimar por ordem do imperador Honório.

No antigo império chinês ⁽¹⁾, onde uma numerosa população se encontrava dividida pela diferença das suas religiões, também a feitiçaria desempenhou papel preponderante especialmente entre os adeptos das doutrinas de Fo que consistiam numa idolatria grosseira.

Os partidários da seita de Tao-tsé, cujo fundador foi o filósofo Lao-Kiun, praticaram em larga escala a magia e acreditaram mesmo haver descoberto um licor, verdadeiro elixir de longa vida, denominado Tchang-seng-yo, facto que levou um grande número de mandarins, na esperança de

(1) « *Moeurs, Coutumes, Usages et Religion de La Chine* » — A. S., Paris 1846

alcançarem a immortalidade, a protegerem tal seita. Um dos adeptos mais fervorosos de tal doutrina foi o imperador Tsin-Chi-Loangti.

Outro imperador, Vou-ti, que foi o sexto da dinastia dos Hao, dedicou-se inteiramente ao estudo dos livros mágicos e o seu exemplo levou uma grande parte da aristocracia a fazer o mesmo.

A já referida seita de Tao-tsé cuja doutrina consistia quasi exclusivamente na interpretação de determinados livros cabalísticos, tomou tal desenvolvimento no Celeste Império, mercê da protecção dispensada por alguns imperadores e grandes senhores, que os sucessores de Lau-Kiun foram sempre revestidos da dignidade de mandarins e habitavam um magnífico palácio edificado na província de Kiang-si.

A esta cidade, qual Meca do islamismo, via-se chegar todos os dias uma contínua multidão de devotos que vinham procurar remédio às suas doenças, ou pedir esclarecimentos sobre o seu destino. Tais peregrinos, como resposta, recebiam um bocado de papel cheio de caracteres mágicos e partiam muito satisfeitos depois de o haverem pago.

Durante a dinastia dos Song, o poder e o crédito dos bonzos desta seita foi deveras formidável.

No reinado do imperador Tchín-Tsong, terceiro daquela dinastia, apareceu, por uma noite escura, suspenso da grande porta da cidade imperial, um livro composto de sentenças e de caracteres mágicos para a invocação dos demónios. Acreditou-se que uma tal preciosidade havia caído do céu, e, por isso, foi levada em triunfo, encerrada numa caixa de ouro e cuidadosamente guardada.

Duhalde, jesuita que missionou na China, atribui ao diabo o poder dos mágicos de Lao-Kiun e diz: — « A história dos mágicos de Lao-Kiun é precisamente a dos nossos feiticeiros que logram ainda os imbecis e os crédulos; associam-se, com a mira no dinheiro, uma certa quantidade de miseráveis que exercem a adivinhação como um officio; dizem a quem os consulta e a quem nunca viram, o seu nome, o estado da sua família, a sua posição, a sua residência, o número dos seus filhos, seu nome e idade e mil outras particularidades para o que empregam outras tantas artimanhas e embustes ».

Segundo o que referem os missionários, foi em 65 a. J. C. que o imperador Ming-ti introduziu no império a seita do Fo ou Foé ⁽¹⁾ que foi trazida da India por embaixadores seus enviados àquelas paragens. Esta seita apresenta consideráveis pontos de contacto com o cristianismo, o que levou alguns missionários a julgarem que fôsse uma corrupção da mesma, visto

(1) Os partidários das doutrinas de Fo acreditavam que, se neste mundo não regulassem o seu procedimento pela doutrina e ditames dos bonzos, as suas almas, após a morte, por um longo curso de transmigrações, passavam ao corpo dos mais vis animais. A propósito e por nos parecer interessante e característico reproduzimos, a largos traços, o que conta o P.^e Le Comte, jesuita que missionou na China: — Encontrando-se o padre na província de Chen-si, foi um dia chamado para baptizar um doente de setenta anos. Este velho vivia duma pequena pensão que lhe havia sido concedida pelo imperador, motivo porque os bonzos lhe asseguravam que o seu reconhecimento lhe impunha, no outro mundo, um dever bem pesado, o qual consistia em continuar, ali mesmo, a servir o imperador levando os despachos da côrte às províncias: desta forma, a sua alma, e em razão desta obrigação, devia passar para o corpo dum cavalo de posta. Recomendavam-lhe pois que nunca tropeçasse, nem mordesse, nem desse coices, ou ferisse qualquer pessoa e exortavam-no a correr com toda a ligeireza, a comer pouco, a soírer pacientemente a espora, como outros tantos meios para excitar a compaixão dos deuses que fazem muitas vezes dum bom cavalo um homem de qualidade elevando-o à dignidade de mandarim. Todas estas idéas exaltavam continuamente a imaginação do velho fazendo-o tremer e perturbando-lhe o sono. Em sonhos julgava ver-se selado, enfreado e pronto a partir às primeiras chicotadas do postilhão. Encontrava-se o pobre velho, coberto de suor e todo entregue ao seu pesadelo, não sabendo, algumas vezes, se realmente ainda era homem ou se já seria cavalo...

que no sétimo e oitavo século da nossa era, os habitantes do Tibet e da Tartária foram catequisados pelos nestorianos, hipótese que Remusat, nas suas memórias sobre o lamaismo, demonstra ser verdadeira.

Os bonzos desta seita praticavam tôda a sorte de sortilégios e de encantamentos.

O povo chinês foi, em todos os tempos, muito dádo à superstição. Até mesmo nas classes elevadas um tal facto se constatava. Os próprios mandarins, ou credulidade própria, ou levados pela fraqueza das suas mulheres, naturalmente inclinadas por falta de instrução a acreditar em sortilégios, protegeram e acolheram, em seus palácios, os charlatães e adivinhos.

Até há bem pouco tempo, pululavam em todas as províncias do império chinês os leitores da «boa sorte» que tocando uma espécie de teorba, iam de casa em casa, oferecendo-se para predizer a cada um a sua boa ou má fortuna; a maior parte destes bardos eram cegos. Sobre as oito letras de que se compõem o ano, o dia, o mês e hora do nascimento de alguém, prediziam as coisas mais extraordinárias e fantasiosas. A êste horóscopo chamavam *pa-tsé*. Além destes leitores da «buena dicha», havia ainda a *pacona*, ou a arte de consultar os espíritos, o que faziam perante os ídolos levando uma caixa cheia de pequenos pausinhos sobre os quais estavam gravados caracteres enigmáticos. Depois de muitas reverências, deixavam cair, ao acaso, um dos pequenos paus cujos caracteres eram explicados pelo bonzo que presidia à cerimónia.

Dissemos já que os celestes foram em todas as épocas muito inclinados à superstição, e, sem receio de exagerar, podemos acrescentar que foi até o povo mais supersticioso da Terra. Algumas das suas superstições são até, de tal forma caricatas, que os ocidentais difficilmente poderão suster o riso em presença das suas manifestações: O *Fong-chui*, por exemplo, é uma das mais ridiculas e consiste simplesmente no temor que inspira a todo o bom chinês o facto de a casa, um muro, qualquer construção, enfim, do visinho se achar construída numa posição contrária à da sua casa. Daqui resultam rixas que duram tanto tempo quanto o edificio que as occasionou se mantiver de pé.

Para afastar os males e azares do *Fong-chui* o remédio consiste em colocar num quarto um dragão, ou qualquer outro monstro, de barro cosido, que, lançando um olhar terrível sobre o canto da casa fatal, afasta assim todas as más influências. Os visinhos que tomam uma tal precaução não deixam de visitar muitas vezes, durante o dia, o monstro que vela pela sua defeza.

* * *

No que deixámos escrito, procurámos dar aos nossos leitores uma idéa, ainda que muito ao correr da pena e sem brilho, do que foi, através dos tempos e em povos diferentes, tanto pela índole como pelas crenças, a superstição da feitiçaria.

Pelo que escrevemos, escudando-nos, aliás, na autoridade de autores consagrados, se vê que os actuais charlatães do sobrenatural, a legião dos videirinhos que exploram com a credence a ignorância do vulgo, remonta à mais alta antiguidade, e nunca deixou de aparecer em todos os períodos da história da humanidade; umas vezes a coberto das investidas dos seus inimigos e impugnadores e à sombra da protecção do Estado pelo seu cunho official, como na Grécia e em Roma; outras clandestinamente e à margem da lei, como na Idade Média e em nossos dias; mas, em qualquer dos casos, coberta ou encobertamente, sempre explorando o grande filão que, então como agora, ofereceram os fracos de espírito e os doentes do moral e do físico, isto é, a grande legião dos desiludidos da vida e da sciência que

procuram no sobrenatural, no desconhecido, lenitivo para seus males.

Depois que o Espiritismo, cujos fenómenos em épocas remotas provocaram, por desconhecidos ou insuficientemente observados, estranheza e sobressalto, principalmente nas camadas mais ignorantes, foi convenientemente estudado e assentou em bases científicas tôda a sua vasta fenomenologia, é evidente que factos estranhos, outrora atribuídos à feitiçaria e condenados pelos padres da Igreja, por os não poderem negar, como resultantes de pacto com o demónio, encontraram demonstração racional e deixaram de ser privilégio dos mágicos e feiticeiros que, em tais circunstâncias, não eram mais do que médiuns cujas faculdades, por falta de cultura e meio apropriados e ainda e principalmente pelo aspecto mercantil do acto, nunca se desenvolveram, embora retivessem em si a potencialidade necessária à exteriorização dos fenómenos que modernamente constituem o assombro do mundo e tem sido a maior propaganda do Espiritismo.

Mas fingida ou natural, bem ou mal intencionada, por intermédio de médiuns de verdade ou de charlatães e embusteiros, a prática de actos como os que ultimamente foram descobertos em Lisboa, deve ser rigorosamente reprimida, pois que reveste um aspecto mercantil abjecto e serve apenas para exploração dos crentes e proveito de criaturas falhas de escrúpulos e de moral.

A. GOMES DUARTE



RELIGIÕES

Fala a dois católicos

Há um só Deus, criador de todas as coisas, amparo, protecção, asa de amor que nos cobre a todos, a ricos e a pobres, a brancos e a pretos, a bons e a maus; o mesmo Pai, o mesmo braço espiritual, a que se encostam o judeu e o católico, o maometano e o cristão, o fanático absorvido nos vórtices de sua paranoia, e o ateu enlevado no deslumbramento de sua cegueira. Há uma só Causa de tôda a luz que resplende, de todos os músculos que fremem, de todas as almas que sofrem, de todas as asas que batem: de quanto vêem olhos, de quanto o Espírito pressente. Do conhecimento da existência dessa Causa, advem o dever de nos inclinarmos diante dela, amando-a, glorificando-a. Porque amar a Deus é harmonizar os efeitos com a Causa; é conciliar a vida que sofre e canta, que tem sangue e que tem lágrimas, com o mistério do Além que nos atrai e que nos deslumbra com a iluminação da sua Verdade. Buscar a Deus é uma Lei inelutável. Assim como as águas do mar, e as dos rios que correm para o mar, sorvidas pelo sol, enchem o bojo dos cirrus, derramam-se em chuvas, filtram pelos poros da terra, brotam em nascentes, e voltam a correr para o mar, sua origem, assim nós vimos de Deus, e para Deus regressamos. Raios do Foco Eterno, entramos na vida física ao sôpro vital de um beijo; e, quando a matéria se desorganiza no seu equilíbrio, o espírito desdobra asas invisíveis e volve a Deus, pelo caminho que abre o destino das evoluções aperfeiçoadoras. Na vida material, o Homem, consciente ou inconscientemente, busca não desmentir sua origem, elevando-se, em seus pensamentos, em suas palavras, em suas obras. Uns, conseguem-no; outros, não. Esses que o conseguem, provam

a sua origem divina. Os caminhos que conduzem a Deus, traçamo-los na alma. Sentimo-los, como a retina sente a luz. E se o não sentimos, então é porque somos cegos, e caminhamos guiados por outros. Entre o ter uma religião, e o aceitar uma que nos dão, deve medeiar um pavoroso vácuo. Caminhamos, ou arrastamo-nos. De nós, uns teem asas de Bondade, e vôm; outros, apenas esboços, ainda reptis, avançam de rôjo, rolando por muitas vidas, só conseguindo aproximar-se de Deus quando lhes nascem asas, isto é, quando teem atingido a Perfeição, pela Bondade, pelo Amor. Não basta conhecer o trilho que leva a Deus: senão que é, também, preciso saber caminhar, sem desvios, sem quedas, pelo indefectível fio em que êsse caminho se estende. Assim-é que, se eu fôr sem olhos como o bicho da terra, estará o trilho aberto diante de meus passos, sem que o possa palmilhar. Porque, sem Bondade e sem Amor, o Homem é cego; e porque o Odio e o Mal são ravinas barrentas que dão para o Abismo.

* * *

Religiões são caminhos que levam a Deus, escreveu o vélho Tolstoi. Podemos partir de pontos diferentes, e demandar um único pôrto: **Deus**. Não há más estradas para o bom caminheiro. Conforme os estados de alma do viandante, assim o caminho é vereda áspera, ou estrada plana.

Eu, de mim, desejaria evitar o êrro de condenar os trilhos que correm paralelos ao meu. Porque eu vejo o meu com os meus olhos, e outros o seu com os dêles. Acção religiosa, há uma que a Verdade exalça: — Tornar-me melhor, dia a dia; subir sempre. Melhorar a minha vida; não dizer mal das de outros. Nunca abrir ao sol a fealdade de outrem para fazer valer o que de perfeito possa eu apresentar. Porque não é o êrro de outros que salienta o meu acêrto. Nestes pontos, não há relatividade: há o absoluto. O tempo que posso dar à rebusca de erros do próximo, sei que o devo ao trabalho de corrigir os meus próprios. Em todos os caminhos há pedras soltas que ferem os pés, e desnivelamentos que produzem quedas: cuide cada um de limpar o seu, de lhe aterrar os regueiros.

Em todas as religiões há práticas obsoletas, ritos procrônicos que, mais ou menos, negam aquele espírito de compassiva gravidade que nos assiste numa mais alta visão de justiça e de verdade. Trate cada um de açacular a sua no interêsse de desanuviar o futuro dos seus ideais. Sejamos irmãos, porque, em suma, de facto originário o somos. Diferença de religião não é diferença de Deus, porque, em verdade, religião é tanto Deus, quanto o caminho de minha casa é minha casa. Quando dois homens de diferente religião se separam com gestos violentos de repulsa, mais não conseguem provar, ambos, que uma lastimável desassistência de sentimentos religiosos. Quando dois caminheiros, por duas estradas paralelas, param para se apegarem, ninguém afirmará que êsses dois loucos, de jornada, teem interêsse em chegar. Chamam-se Bondade e Amor as asas que se abrem em ombros de anjos. Os apercebidos de tais asas, atingirão os cimos rosados da Montanha; mas os sem asas, tardarão em chegar.

Seja êle um sumo-sacerdote entre os israelitas, seja um bispo entre os católicos, ou um pastor entre os protestantes, se não fôr um bom, um justo, um piedoso, se tiver ódio em seu coração, e a mentira destilar de seus lábios, será como o reptil que se enovela no pó da subida, avançando e rolando, vidas e vidas, até romper a crisálida, e tornar-se borboleta de asas de ouro.

Há, no aspecto psicológico das religiões, qualquer coisa dos caprichos orográficos de uma ilha vulcânica. Nas religiões, como nas terras vulcânicas, há píncaros faiscantes de luz, vales deslumbrantes de poesia, e barrancos

entenebrecidos de sombras, vértices tocando o Céu, bases mergulhadas em bruma. Assim, sôbre a mesma base teológica, vemos, na religião católica, a constelação de Santos, desde Agostinho a António, desde Vicente de Paula a Bartolomeu dos Mártires e, em baixo, o tumultuar de sombras e labaredas dos incêndios da Inquisição; e na religião reformada, em cima energias como Lutero e Calvino, e, na base, paixões como as que a história regista em prova de que em lutas religiosas não houve mãos que se não tingissem de sangue, nem corações que não rilhassem os ódios da intolerância. Na própria fabulação literária vê-se, ao lado do Tartufo, de Molière, fermentando na vasa da hipocrisia, o bispo Miriel, de Victor Hugo, no tôpo da bondade cristã. Quem olha para aquele, tem de se afastar, nauseado; quem fixa êste, sente-se banhado de dulcíssima paz.

Se se unissem os religiosos no interêsse das suas crenças; varrer de nuvens o céu para que o sol penetrasse em todos os recônditos da vida; sem dúvida que o ideal religioso se elevaria numa ascensão à perfeita concepção das verdades espíritas. Mondo, porém, o meu talhão, e cruzo os braços, negando auxílio ao meu visinho, na monda do dêle. Depois, o vento sopra e lança a semente das ervas daninhas, que cresceram no terreno do visinho, a envenenar os meus canteiros...

Se me disserdes: — Irmão, cilicia-te! Cobre a cabeça de cinza! Se assim não fizeres, não terás salvação! — Eu vos responderei: — Irmãos, isso é fanatismo! E se eu vos disser: — Irmãos, neguemos a Alegria! Verberemos o Amor! Estrangulemos os anelos de alma que banham de sol o nosso caminho! — E a vós, mulheres na primavera da vida: — Cobri o vosso corpo com tecidos grosseiros e feios! Desprendeis das tranças a flor, vossa irmã! Desraizai o amor dos vossos corações! — E se eu vos disser tudo isto, que é monstruoso, cerrai ouvidos às minhas palavras, porque eu serei um fanático!

Estas são as coisas condenáveis.

Pôs Deus na vida dois focos de bênçãos: a luz, que é o amor enchendo os espaços, e o amor, que é a luz que guia à vida eterna. Vossa religião é plena de poesia no simbolismo de suas festas! Estas missas cantadas a meia encosta; estas romarias rezadas à beira-mar, olhos de amor e de saudade postos na plúmbea mudez dos horizontes distantes; estes arraiais a desbordarem da alegria de cantar e de amar; esta aleluia espiritual de ondas de gente, como se as flores silvestres fugissem aos caules para esta festa de côres e de aromas; tudo isto é Deus, porque tudo isto é vida.

Porque Deus está nos olhares doces que se entre-cruzam levando de alma para alma, numa amorosa telegrafia sem fios, os sentimentos que se permutam, as promessas que se balbuciam, os juramentos que se formulam, em frases de luz que não teem palavras, mas que conteem afirmações vitais e garantias de felicidade, doces como ósculos e fortes como a convicção! E em tudo isto está Deus, porque tudo isto é beleza, porque tudo isto exprime a ânsia de subir, de transpôr esta barreira de carne, para aflorar à glória da Vida Espiritual, a qual, augusta no seu silêncio, santíssima na sua paz, demora além, nos infinitos espaços.

EUGÉNIO TAVARES

« Oponhamos ao catolicismo, não a indiferença ou a fria negação, mas a ardente afirmação da alma nova, a consciência livre, a contemplação directa do divino pelo humano, (isto é, a fusão do divino e do humano), a filosofia, a sciência e a crença no progresso, na renovação incessante da humanidade pelos recursos inesgotáveis do seu pensamento sempre inspirado. » — Antero de Quental

Uma viagem pela Cidade da Luz

O peregrino Cosmopólito que vem lutando com as influências do Reino de Mayã, nas contingências da sua existência kármica, cambaleia aqui, cai acolá, levanta-se além, quere reagir contra as influências ocultas que o cercam, vai dispendendo energias que não mais recupera, e por fim cansado e extenuado é convidado por «Atropos» a iniciar uma viagem pela cidade da Luz. Anuindo ao convite, «Atropos» diz-lhe que se prepare para entrar na morada de Yama onde os sentidos se ofuscarão para então despontar a consciência e a vista interna.

O peregrino cai numa sonolência característica da fase pre-agónica; passa em revista tôda a sua existência terrena, pesa todos os seus actos e chega, por vezes, a arrepende-se de alguns que praticou.

Aproxima-se então Anubis que vê, junto do peregrino, o seu guia que o quere acompanhar. Este depois de alguns conselhos convida-o a entrar na barca de Caronte para atravessar o Lago de Yama e dirigirem-se ao Além. Uma vez na barca, esta desliza lentamente transportando os ocultos viajantes. Dá-se então o fenómeno a que se chama morte: os humores humanos coagulam, os órgãos cessam a sua marcha, o corpo esfria e as células são abandonadas à sua autonomia. Seguidamente vem a decomposição e o corpo é lançado no laboratório químico do Cosmos.

Chegada a barca ao Além, o espírito é ali esperado por todos os parentes e amigos desincarnados, que êle julgava perdidos, e que agora celebram a sua chegada com entusiasmo. O viajante pode então mostrar desejo de visitar determinados pontos do glôbo e acompanhar o farrapo humano que há pouco abandonou. Tudo isto lhe é concedido sendo acompanhado nas várias visitas pelo seu inseparável guia. Decorridos três dias, pouco mais ou menos, imerge na fase comática onde permanece dias e meses dormindo e sonhando. Findo o período soniforme o Espírito começa a despertar e a mover-se vagorosamente. Desembaraça-se do seu corpo astral e descarta-se inconscientemente dos princípios inferiores, que o vinham assediando, recuperando paulatinamente a consciência de si. Findo êste período encontra-se o espírito livre das peias que ainda o impediam de evoluir e inicia, então, a sua marcha ascensional.

Passam anos após anos, séculos após séculos, vindo por entre uma tênue luz, que progressivamente mais resplandece, o plano das suas novas aspirações relativas ao desenvolvimento de qualidades e características do que há de melhor e de mais verdadeiro. Todo êste desenvolvimento inicial está de acôrdo com os princípios da justiça e da equidade entrevedo, ao longe, o alvo do progresso e da perfeição. Jorros de luz o inundam, ouve a música das esferas e tudo é Paz e Amor.

O Espírito que se encontra na escada da evolução é impellido para algo tendente ao aperfeiçoamento individual e colectivo. Ele está sedento do progresso mas sabe que essa sêde só poderá ser mitigada com as pequenas gotas que colhe na fonte única. De facto durante a sua vida astral o Espírito vai-se preparando para manifestar o poder que procura adquirir. Ele vai armazenando naquele estado os poderes que na próxima vida terrena vai manifestar. Os conhecimentos que agora possui são superiores aos que possuía na vida terrena anterior, e os que está colhendo na Biblioteca Univer-

sal e nos Laboratórios Cósmicos completarão a sua bagagem, para na próxima descida ao plano físico dar provas dos conhecimentos adquiridos e das faculdades de persistência e coragem que julgou poder cultivar através das experiências kármicas futuras, com que êle concordou quando lhe foram presentes os respectivos *clichés*.

O Espírito adquiriu o conhecimento das suas vidas anteriores e porisso sabe o que lucrou ou perdeu. Tem plena consciência das suas anteriores existências e sabe quais são os *clichés* da nova missão terrena que breve terá de iniciar. Quantos actos horrorosos êle descobrirá, no *cliché*, que tem de sofrer para ser convenientemente submetido às provas! Sentirá por vezes fraquejar-lhe o entusiasmo que sente para descer ao plano físico. Então acercam-se dêle os espíritos de protecção. Todas as luzes incidem nele. Os cânticos celestiais o reconfortam. Os espíritos de protecção o reanimam e o entusiasmam. Revê o *cliché*... sente momentos de desânimo... cai em profunda agonia... trava-se uma luta entre o espírito e os seus sofrimentos futuros!... Intervêm os espíritos de protecção. Desperta!... Sente entusiasmo sublime e declara-se pronto para seguir. Dirige a prece final a Deus. Os espíritos de protecção o acompanham, o sugestionam e despedem-se do viajante, nas margens do rio Lethes. O espírito guia o acompanha e o conduz através o rio onde imerge e perde a memória. Esta imersão é indispensável para evitar o suicídio na terra. Uma vez ali, aguarda as posições planetárias favoráveis ao seu futuro karma, para então descer à sepultura materna onde as forças astrais exercem a sua influência na fabricação do corpo físico próprio ao desempenho da sua missão terrena, quer ela seja boa ou má.

As forças zodiacais vão exercendo a sua influência periódica em cada 24 horas, e a Lua por sua vez vai realizando, normalmente, as suas nove revoluções, findas as quais, o pequeno ente em formação abandona a sepultura uterina e fixa, pela sua primeira inspiração, o astral terrestre aos seus pulmões. Dá-se o fenómeno do nascimento material abandonando as influências astrais que recebia por intermédio da mãe. Peregrino! Agora que te foi confiado um novo templo, abstem-te de colher materiais impróprios para a sua conservação, e desenvolve essas faculdades latentes que possuis para prosseguir no caminho da Verdade, que a recompensa não se fará esperar a quem a mereceu. Não te revoltas contra a sorte que vais ter, que não é mais nem menos do que o cumprimento da Lei da Causalidade. Suporta com serenidade e coragem os revezes da vida e esforça-te por melhorar o teu ambiente. Lembra-te de que o teu destino é merecido e contra êle não te deves revoltar.

A Paz e Luz Divinas estejam em todos os sêres.

AUGUSTO FLORES

Para além das causas declaradas dos nossos actos, há sem dúvida causas secretas que nós não confessamos; mas, para além destas, ainda há outras mais secretas, pois que nem nós as conhecemos. A maioria das nossas acções quotidianas são o resultado de móveis ocultos que escapam à nossa consciência. — GUSTAVE LE BON

Cada dia que passa urdimos a teia do nosso destino. — WHITTIER

A divina Lei da Reincarnação do Espírito

(O testemunho da Bíblia, dos S. S. Padres da Igreja, da filosofia, da Razão e da História).

Em verdade, em verdade te digo que não pode ver o reino de Deus senão aquele que nascer de novo.

(JESUS CRISTO)

Só na Lei divina da Reincarnação do espírito culpado podemos achar a única solução racional para os incompreensíveis problemas da vida; só ela explica satisfatoriamente todas as desigualdades físicas e morais que ferem a nossa vista bem como só ela nos dá a razão e mostra a causa da diversidade do carácter humano e de todas as condições sociais. Aceite a doutrina das existências múltiplas, todas as obscuridades se dissipam, ressaltando, do aparente caos da humanidade, a grandeza da bondade e da justiça de Deus.

A alma humana, após a sua separação do corpo, que lhe serviu de tenebroso cárcere, readquire a lembrança das suas existências passadas, memória que havia temporariamente perdido. Ela examina, então, todas as suas obras feitas, pesa todos os seus erros passados, verifica quanto lhe falta, ainda, fazer para libertar-se das suas imperfeições, ansiando por novas reincarnações, através das quais possa purificar-se, reparando todo o mal que haja praticado. *Faber est suae quisque fortunae*, diziam já os antigos Romanos. (Pérsio, Satyr 3.^a, v. 93).

O homem é filho sempre das suas próprias obras, respondendo cada um invariavelmente e inflexivelmente pelo mau uso e abuso que fizer da sua liberdade, em cada uma das suas reincarnações materiais.

Os entes que mais se distinguem pela sua inteligência, ou pela sua virtude entre os seus semelhantes, são seres que têm vivido mais, trabalhado mais, reunido mais conhecimentos, adquirido mais experiência em cada uma das suas existências passadas na Terra, pois que o progresso das almas depende unicamente do trabalho e da energia com que elas se mantêm e comportam no combate da vida. Uns trabalham com coragem e esforço na obra do seu progresso moral; outros perdem existências inteiras, estéreis e ociosas, por falta de actividade, esforço e dedicação pelo ideal diurno da perfectibilidade humana, proclamada por Jesus quando disse: *Sêde perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito*. (S. Mat. 5:48).

Os primeiros transpõem rapidamente os diversos degraus do aperfeiçoamento moral que os conduz definitivamente à perfeição sideral, à vida eterna; os outros podem estar immobilizados durante muitos séculos nos planos inferiores da vida astral, sofrendo as dores, as angustias, os remorsos que pungem sempre todos os habitantes desses mundos subjectivos, inferiores — os *Infernos* — até que se tornem mais diligentes, mais activos no trabalho do seu aperfeiçoamento moral, que só podem obter lentamente pelo arrependimento, pela expiação e pela reparação plena de todo o mal feito e de todo o bem que podiam haver praticado e não quiseram praticar.

Um dia, porém, chegará em que, livres já para sempre das incarnações dolorosas, eles alcançarão, também, por merecimentos próprios adquiridos, o acesso aos planos superiores, aos mundos purificados, onde principiarão a gozar a doce bemaventurança dos eleitos do Senhor, que crescerá, aumentará

sempre e eternamente, quanto mais se forem aproximando do bondoso Pai celestial que os espera, para a todos acolher amorosamente em seu seio bem-dito, que é o oceano insondável de todos os deleites, de todos os gozos inefáveis, de todas as alegrias puras, de todas as delicias suaves e eternas.

A reencarnação material do espírito culpado é uma Lei natural, imutável, imanente, cujo ensino encontramos luminosamente traçado nas páginas de oiro das S.S. Escrituras dos dois Testamentos.

Os Doutores da grande Igreja papal repelem esta salutar e consoladora doutrina, porque estão empenhados em sustentar e defender a organização eclesiástica que envolveu nas suas redes as nações do mundo, formando um sistema Politicò-religioso, em oposição ao Evangelho democrático e espiritual de Jesus. O primeiro é obra do diabo, que é, no pensamento de S. Paulo, « o deus dêste século (2.^a Epist. Cor. 4:3 e 4) cegando os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus »; o segundo é o sistema ou a organização de Deus, isto é, a Igreja de Cristo, a *sua Igreja*, como Ele mesmo, o Mestre eternamente adorável, lhe chama. (S. Mat. : 16:18).

A Igreja papal, porém, sendo uma organização mundana, pretende, todavia, impôr-se como sendo uma organização de Deus. O santo profeta João nos avisa cuidadosamente a afastar-nos dela, (Apoc. 18:4) buscando instruir-nos no conhecimento da Palavra de Deus. Esta, ainda que veladamente, nos ensina a doutrina da reencarnação material do espírito culpado, como necessidade absoluta para êle chegar à salvação, isto é, à perfeição espiritual, ensino êste inteiramente oposto ao da organização papal que fixa numa só existência terrestre o destino eternamente feliz, ou eternamente desgraçado do espírito, após a sua morte. Digo veladamente pois que Jesus em geral ministrava os seus ensinamentos sob o véu opalino das alegorias, das parábolas, da linguagem metafísica. Ele mesmo disse aos seus discipulos: « A vós foi-vos dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas aos outros se lhes fala por parábolas. (S. Luc. 8:10). Se Jesus não ensinou abertamente ao povo e aos sacerdotes a doutrina da reencarnação material, isto o fez só porque os homens materiais, grosseiros e ignorantes que o ouviam, como o são ainda hoje o povo, e os Príncipes dos Sacerdotes da grande Igreja que está em Babilónia, a não podiam compreender em seu alto e transcendente sentido espiritual. Para que êles não conspurcassem o seu ensino, Jesus a ocultou, sob o véu da *letra que mata*, como diz S. Paulo (2.^a Epist. Cor. 3:6) até que chegasse a era do *Espírito que vivifica*.

Tendo-se corrompido a grande Igreja papal, isto é, tendo-se afastado do ensino e da moral do Evangelho de Cristo, desde que politicamente se uniu com os príncipes do mundo, estendendo o seu Primado jurisdicional sobre as outras igrejas cristãs e as nações formadas dos destroços do Império Romano, ela deixa de ensinar e crêr nessa doutrina sublime da Reencarnação que é, aliás, o fulcro de oiro do ensino dos mais eminentes Doutores da Igreja cristã, tanto no Ocidente como no Oriente, dos cinco primeiros séculos da sua história. Como, porém, se lhe tornava necessário explicar o fenómeno psíquico da diversidade dos caracteres, das aptidões e inclinações, tanto morais como intelectuais, inatas no homem, tanto para a virtude, como para o vício, tanto para as mais belas concepções da arte, como para a sciência, a indústria e as diversas manifestações e modalidades da vida humana, ela adopta o ensino e a prática do *baptismo das crianças* — o *p'odobatismo* — em oposição à doutrina expressa do Mestre: *Aquele que crêr e fôr baptisado será salvo* (S. Marc. 16:16) introduzindo assim no Cristianismo de Jesus o novo sistema da *regeneração espiritual* pelo baptismo, quando êste é, apenas, uma cerimónia iniciática, simbólica, instituída por Ele, significativa da conversão, da adop-

ção da fé cristã, como a Eucaristia o é da fraternidade, da humildade e da caridade que devem ligar entre si todos os seus discípulos.

Esta nova doutrina do *pecado original*, tão oposta ao ensino do profeta Ezequiel: « A alma que pecar, essa morrerá; o filho não carregará com a iniquidade do pai e o pai não carregará com a iniquidade do filho; a justiça do justo será sobre ele e a impiedade do ímpio será sobre ele » (18:20) foi logo combatida por altos, luminosos e profundos espíritos como Pelágio, Jerónimo e Agostinho, como veremos.

Ela tinha a sua base nos textos simbólicos: « Mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Porque em qualquer dia que comeres dêle, morrerás de morte: Viu pois a mulher que a árvore era boa para comer e formosa aos olhos e delectável à vista; e tirou do fruto dela e comeu e deu a seu marido, que também comeu » (Génes. 2:17 e 3:6) « Quem pode fazer puro ao que foi concebido da imunda semente. » Que é o homem para ser imaculado e para parecer justo, tendo nascido duma mulher. » (Job. 14:4 e 15:14) « Tu me borrifarás com o hissopo e serei purificado ». « Eis aqui sabes que eu fui concebido em iniquidades. » (Sal. 50:7 e 9.— versão de Figueiredo) e outros desenvolvidos ainda por S. Paulo. (Rom. 3:9 e 23, 5:12 e 1.^a Cor. 15:21). Notemos, porém, que êsses textos são claramente figurados, devendo ser interpretados e explicados em paralelo com o de Ezequiel já citado e o de S. Paulo, que nos diz: « *A letra mata e o espírito vivifica* ».

E' doutrina muito clara, ainda, nas Sagradas Escrituras, entendidas mesmo sob o véu da *letra que mata*, ser tôda a culpa resultante da mancha do pecado original lavada pela graça e pela salvação que nos trouxe Jesus, Salvador do mundo (S. João, 1:29; Epist. Rom. 3:23 e 24; 9:15, 17, 18 e 19; 6:3; 7:24 e 25; 8:1 e 2.^a Efes. 2:5).

A doutrina do *pecado original*, segundo a *letra que mata*, tem a sua natural explicação, segundo o *espírito que vivifica*, no ensino evangélico do *renascimento material* do espírito culpado.

O espírito criado por Deus não pode sair manchado das suas divinas mãos, pois que nada impuro delas pode sair. Mas não é Ele o Senhor Omnipotente, a suprema Pureza, Perfeição, Bondade e Santidade? Sim, não sai d'Ele o Espírito manchado, mas só simples, inocente, isto é, num completo estado de simplicidade e ignorância. O baptismo evangélico, em sua expressão figurada, não é o lavacro duma purificação ou regeneração material, mas, apenas, o sêlo divino duma conversão espiritual. Se a Igreja papal altera, deturpa e modifica a Palavra de Deus, julgando ter poder para fazê-lo, por apropriar a si as divinas palavras dirigidas um dia por Jesus a S. Pedro: « Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra, será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra, será desligado nos céus » (S. Mat. 16:19), sim, se ela muda, reforma, suprime, ou acrescenta o que quer, lhe convém e apraz em virtude dum poder exorbitante e inaudito que em suas bulas têm dito possuir muitos dos seus Sumos Pontífices, lembre-se ela de que erra gravemente assim entendendo e agindo! Ela tem interpretado num sentido material os ensinamentos puramente espirituais e figurados de Jesus! Alterou e deturpou os mesmos Mandamentos augustos do Sinai, suprimindo o 2.^o, deturpando o sétimo—*Não adulterarás*—modificando e dividindo em dois o 10.^o, para completar o seu número! No entanto Jesus ensinou e ordenou, que ninguém ousasse violar, ou emitir um só jota, ou til da Lei. (S. Mat. 5: 18 e 19).

A condenação da grande Igreja papal lê-se nítida e clara nas páginas flamejantes do Apocalipse (Cap. 17 e 18.). A sua aparição e formação no seio do Cristianismo foi fulgurantemente visionada pelo sublime profeta Daniel.

Ele nos fala, no Cap. 7.^o da sua *Profecia*, duma visão, que lhe foi

dada, na qual êle vê quatro grandes animais: um leão, um urso, um leopardo e uma quarta fera sem nome. Eles representam os quatro grandes Impérios antigos: — o caldeu, o médo-persa, o grego e o romano, explicam os intérpretes, com tôda a exactidão e verdade. O profeta viu que a quarta fera tinha dez pontas, correspondentes a dez reinos em que se deveria dividir o Império, simbolizado pelo quarto animal. Este acontecimento histórico realizou-se plenamente, pois que, entre os anos 351 e 476 da nossa era, o Império romano ocidental foi destruído e dividido em dez partes, ou dez reinos, a saber: os francos, os alemães, os burgundos, os suecos, os vândalos, os visigodos, os anglo-saxónios, os lombardos, os ostrogodos e os hérulos. (Vid. C. Raffy — *Histoire Universelle* — Paris, 1874, pag. 134 e 144, 8.^a edit. e seg.).

Depois das dez *pontas*, ou reinos, apareceu, diz o Profeta, « outra *ponta pequena* » que nascia do meio delas (v. 7) sendo três destas arrancadas de diante dela que tinha uns olhos, como olhos de homem e uma bôca que falava com insolência. » Ora a história confirma a profecia, pois que, entre os anos 393 e 533, exactamente três dessas *pontas*, ou reinos, foram arrancados, a saber: os hérulos, na Itália, os vândalos, na Africa, e os ostrogodos, em Roma, que professavam o crédo ariano.

A *ponta pequena* da Profecia simboliza um Poder religioso que extermina os três reinos que aceitaram a fé ariana. Em verdade, foi o bispo de Roma quem se empenhou para êsse fim com o Império oriental. Outros reinos caíram por motivo duma controvérsia religiosa. As lições da História o confirmam. Essa *ponta pequena* tinha uma bôca que falava com insolência, diz o Profeta. Ele acrescenta, ainda, (v. 24), « que ela humilhará a três reis e falará insolentemente contra o Excelso e atropelará os santos do Altíssimo e imaginará de si que pode mudar os tempos e as leis e os santos lhe serão entregues nas suas mãos, até um tempo e tempos e metade de um tempo » (v. 25).

Quem não vê simbolizada nitidamente nesta solene profecia a potência político-religiosa do bispo de Roma? Pois não se condecora ela com títulos veneráveis e sagrados que nas SS. Escrituras só pertencem a Jesus Cristo? Não proclama ela o seu direito universal ao domínio dos corpos e das almas, no temporal e no espiritual, que a sua palavra é infalível, que ela tem por delegação todos os poderes de Deus? Não alterou ela, em virtude dêsses pretensos e arrogantes poderes, os dez Mandamentos da Lei, tanto na sua essência, como no tempo do seu cumprimento, suprimindo o 2.^o, adulterando o sétimo e transmudando o quarto, do sábadô para o domingo?

Ah, sim, « a *ponta pequena* tem uma bôca que fala com insolência contra o Excelso » exclama o santo Profeta de Israel. Ela perseguiria, os santos que lhe seriam entregues nas suas mãos, durante *um tempo e tempos e metade de um tempo*, isto é, durante mil duzentos e sessenta anos. Quem não conhece as lições da História probativas das ferozes perseguições movidas pela *ponta pequena* contra o povo de Deus nos séculos futuros à sua formação, e como potência temporal?

Em 533 Justiniano promulgou um decreto conferindo ao bispo de Roma o privilégio de ser êle o censor dos herejes, instituindo-o Chefe de todas as igrejas. Logo teve início com particular violência a repressão do arianismo; no ano seguinte foram subjugados os vândalos, sendo, em 538, exterminados os ostrogodos. E assim, em 538, o bispo de Roma, por um decreto real se viu proclamado Chefe único do grande mundo espiritual. Assim começa, desde esta data, a obra descrita na profecia, relativa à *ponta pequena* perseguidora dos santos do Altíssimo!

Um tempo, na profecia, é um ano, como diz o anotador do texto. E um ano profético equivalente a 360 dias. Segundo Ezequiel (4:6) um dia

profético equivale a um ano literal. «Um dia te darei por cada ano» diz êle. Obtemos, então, o cálculo seguinte :

Tempo	360 anos
Tempos (dôbro) . .	720 »
Metade dêsse tempo	<u>180 »</u>
Total	1:260 »

No Apocalipse (12:6, 14) se revela claramente que êste mesmo periodo consiste em 1:260 dias, ou anos, dizendo, ainda, (13:5) que êle consta de quarenta e dois meses. Dá-nos o mesmo número o mês judaico que é de trinta dias. Mil duzentos e sessenta anos, eis o tempo durante o qual a *ponta pequena* haveria de falar *arrogantes palavras, destruiria os santos do Altíssimo e imaginaria de si que tinha poder para mudar os tempos e as leis* (Daniel, 7:11 e 25).

Qual é a lição da História? Partindo de 538, ela nos dá mil duzentos e sessenta anos até 1798, em que as tropas do Directório francês entram em Roma, apoderam-se do Chefe da Igreja e o levam para o cativeiro, onde morreu. Os soldados republicanos dançaram nas ruas da Cidade eterna, clamando: «Morreu o último papa!»

Cumpria-se assim a profecia de Daniel, mas não era chegado, ainda, o fim, pois que a Profecia do Novo Testamento (Apoc. 13:3) havia anunciado *que a chaga mortal feita na Besta fôra curada*.

Quando será esta, finalmente, destruída? Quando se assentará o juizo, a-fim-de que lhe seja tirado o poder e ela seja inteiramente desfeita, pereça para sempre e ao mesmo tempo se dê o reino, e o poder e a grandeza do reino que está debaixo de todo o céu, ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é um reino eterno e ao qual servirão e obedecerão todos os reis», como profetiza Daniel? (7:26 e 27). Só Deus o sabe.

(Continua)

GAMALIEL



«O Espiritismo não considera princípio absoluto senão o que é demonstrado com evidência, ou o que ressalta logicamente da observação. Tocando em todos os ramos da economia social, aos quais presta o apoio das suas próprias descobertas, êle assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, chegadas ao estado de verdades práticas e saídas do domínio da utopia. Sem isso êle suicidar-se-ia; deixando de ser o que é, mentiria à sua origem e ao seu fim providencial. O Espiritismo, marchando com o progresso, não será nunca ultrapassado, porque se novas descobertas demonstrarem que está em êrro num determinado ponto, êle modificar-se-há nesse ponto; se uma nova descoberta se fizer, êle aceitá-la-há.»

ALLAN KARDEC

Sôbre o Problema do Mal

IV

Quando a concepção de um Deus único, criador, surgiu no pensamento, o problema do mal revestiu-se dum aspecto extraordinariamente complexo. As dificuldades de se encontrar uma solução racional foram de tal ordem que, a-pesar-dos maniqueus terem sido condenados e perseguidos como heréticos, o mito satânico triunfou. Alguns padres da Igreja pretendem que o mal existe independentemente da vontade de Deus que se limita a permiti-lo. Outros, não se satisfazendo com esta cumplicidade divina, atribuem ao mal um carácter de necessidade, como Lactâncio (*Div. Instit.*, 11, 12). A sua causa seria então o livre arbítrio ⁽¹⁾ e a acção dos espíritos malignos (Tertuliano — *August.*). Todavia, em qualquer dos casos, a responsabilidade única pertence a Deus como criador.

Santo Agostinho (*Confissões*, liv. VII, 3, 5, 7) descreve, na sua linguagem mística, as tremendas angústias que atormentaram o seu espírito quando quis conceber a origem do mal. Eis como êle se exprime: «*E eu me consagrei a investigar esta verdade tantas vezes afirmada diante de mim, que o livre-arbítrio da vontade é a causa do mal das nossas acções e a equidade dos vossos juizos, do mal dos nossos sofrimentos... Mas eu me perguntava em seguida: — Quem me criou? não foi o meu Deus que é bom, que é a própria bondade? Donde me veio o querer o mal, o não querer o bem, o meu crime, o meu suplício? Quem semeou pois e plantou em mim êste grão de amargor, em mim cujo sêr proveio dum Deus soberanamente dôce? Se o diabo é o autor disso, donde veio então o próprio diabo? Porque, se pela malícia da sua vontade, de anjo êle se tornou demónio, donde lhe veio essa vontade maligna que o fez diabo, a êle a quem o seu criador, soberanamente bom, tinha feito um anjo de bondade?*» (*Confis.*, liv. VII-3). Foi na Fé que Santo Agostinho procurou a certeza que a razão lhe negava: *credo ut intelligam*. Abstraiu das dificuldades do problema, mas não as resolveu. Limitou-se a aceitar o dogma do pecado original ⁽²⁾ sem ter em conta que êle é inconciliável com a própria doutrina da Igreja que considera que as almas são criadas ⁽³⁾ no momento

(1) Um outro problema intimamente relacionado com o problema do mal é o do livre arbítrio. Pomponace propôs o seguinte dilema: ou somos livres e Deus não é onnisciente nem onnipotente ou então se Deus goza dêstes atributos nós não podemos ser livres. Este dilema estaria bem formulado se a nossa liberdade fôsse absoluta, hipótese esta que, evidentemente, não se verifica. Basta ser o acto de criar um condicionamento, uma limitação, para não podermos atribuir ao homem uma liberdade absoluta.

Os teólogos que afirmam ter Deus criado o homem livre, não estão, pois, tão bem informados dos segredos divinos como à primeira vista poderia parecer. Dêste modo não há antagonismo entre os atributos de Deus e a liberdade relativa do homem. O facto de existir uma finalidade pre-determinada, não impede que haja uma certa variabilidade nos meios de a atingir. Uma carruagem forçada, embora, a deslizar sôbre rails nem por isso deixa de ter oscilações — eis o domínio do livre-arbitrio.

(2) Foi êsse pecado original que nos fez perder a «*graça santificante*», dizem os teólogos. Segundo St.^o Anselmo (*Proslogium sive fides quaerens intellectum*), o pecado, para Deus, que é um sêr infinito, constitui um crime infinito que o homem por si só não podia expiar. E' para satisfazer a necessidade de justiça e a capacidade de expiação que Deus se fez homem em Jesus Cristo, sem deixar de ser Deus. Assim se conseguiu a Redenção.

Suprema ironia! Deus teria sentido o remorso da sua obra e quis compartilhar na expiação!

(3) Os doutores da Igreja depois de terem hesitado, durante séculos, entre o traducianismo e o criacionismo optaram por êste, destruindo assim a possibilidade da preexistência.

em que os corpos nascem (St.^o Agostinho — *De Civitate Dei*, liv. XIII). Segundo S. Tomás de Aquino o homem é incapaz de praticar o bem sem o auxílio da graça divina. Mas o seu excesso de fervor religioso apenas consegue comprometer a justiça divina que distribui a graça arbitrariamente tendo criado o homem incapaz de praticar o bem por si só. Contudo, a-pesar-das críticas que levanta, o pensamento de S. Tomás de Aquino é reproduzido a todo o momento por uma legião enorme de teólogos. Malebranche pensa de modo análogo, considerando o pecado como uma consequência da fraqueza do homem a quem faltou a graça divina. A responsabilidade de Deus tem, em qualquer caso, a formidável agravante da sua onisciência.

O egoísmo fez da vida uma luta e da fraqueza um crime, e o catolicismo sancionou esta doutrina. As almas que não tinham fôrças para triunfar do pecado eram condenadas à maldição eterna. Para todas as religiões da antiguidade o mal era de duração efêmera, transitório. No Antigo Testamento não há vestígios das penas eternas a-pesar-de Jeová ser um Deus feroz e vingativo. Só as religiões que se dizem cristãs perpetuaram o mal (com a agravante de admitirem a predestinação) reflectindo assim a inferioridade moral do deus Moloch dos semitas, ávido de suplicios e sedento de sangue das vítimas. O culto do fogo que primitivamente deu lugar à cremação dos cadáveres, passou a ser depois o elemento purificador das almas que passam pelos infernos (*inferi: região inferior*), para serem depuradas e reabilitadas, tornando-se dignas de entrar nos céus. O banho do fogo destruía o pecado, era purificador, segundo a opinião de Orígenes (*De Principiis*, I, 6; *Contra Cels.* VI, 26). Vieram por fim os teólogos com novas subtilezas dialéticas e concluíram que, sendo o pecado uma ofensa a Deus e medindo-se a ofensa pela pessoa ofendida, o castigo será eterno ⁽¹⁾, única infinidade possível a um sêr relativo. Dêste modo o castigo duma falta que deveria ser um acto de justiça que tivesse em vista a reabilitação do culpado, torna-se um acto de pura vingança. Ao mal relativo, transitório, opuseram o mal absoluto definitivo, sem remédio. Devido à influência de Gregório o Grande, foi admitida, no século VI, a existência do Purgatório que não figura nos Evangelhos nem nas Epístolas ⁽²⁾. A sua criação parecia ter obedecido ao desejo de atenuar os efeitos terrificantes da doutrina do Inferno, mas o certo é que se tornou uma fonte de receitas pingues com o escândalo das indulgências para remissão dos pecados.

Esta doutrina só foi definitivamente estabelecida no século XIII pelo 4.^o Concílio de Latrão: « *animam creando infundi et infundendo creari* ». S. Tomás procurou conciliar esta explicação com o princípio aristotélico da alma triplice, conciliação aceita pelo Concílio de Viena em 1311. (*Summa totius Theologiae*, I, 118-2).

(1) Aproveitamos esta oportunidade para sugerir aos teólogos uma solução mais expedita e radical, aliás inteiramente dentro da sua lógica. Essa solução consiste em suprimir o Céu e o Purgatório como lugares sem finalidade. O raciocínio a empregar seria então o seguinte: — Para um sêr perfeito, absoluto, todas as faltas têm igual valor e êsse valor será infinito mesmo para aquelas faltas que o nosso critério imperfeito e relativo considera insignificantes. Basta portanto que exista um Inferno, infinito, para abrigar todos os seres que por natureza lhe são destinados, e onde todos os suplicios sejam igualmente atrozes, quer em intensidade quer em duração.

(2) A idéa de um Purgatório onde as almas fôssem purificadas remonta a uma alta antiguidade, encontrando-se já expressa na Kerneter dos egípcios. A sua introdução no cristianismo deu lugar a grandes divergências. Algumas seitas como os nestorianos, os cataros, os wiclefitas e os hussitas, opuseram-se firmemente à criação dêsse dogma que só foi definido no século XIII no concílio de Lyon e confirmado pelos concílios de Florença no século XV e de Trento no século XVI. Os protestantes, à excepção dos anabaptistas, socinianos e arminianos, rejeitaram-no proclamando que êle traduzia um enfraquecimento da justiça divina que, para ser soberana, deve ser implacável. — Esqueceram-se apenas de que se diziam cristãos!

A existência do Inferno seria a mais viva negação de Deus. Entre êste e a sua obra havia desarmonias eternas. Atribuindo-se ao mal um valor absoluto, não há que fugir dêste trilema: ou Deus o tolera por ignorância, ou por fraqueza ou por cumplicidade. Sendo por ignorância ou por fraqueza, não seria capaz de o punir e muito menos condená-lo a uma tortura eterna. Se fôsse por cumplicidade, condenando-o condenava-se a si próprio. Permitindo Deus o mal sem remédio, colocou-nos à beira dum precipício que nos pode sorver para todo o sempre. Não podemos confiar nas nossas fôrças ou no nosso saber e se confiamos em Deus não somos mais felizes porque êle criou uma serpente para nos traír, tentando-nos com seduções poderosas, com filtros dominadores.

Se nós somos responsáveis pelos nossos actos, Deus tem a responsabilidade enorme da criação, como obra sua. E como é que êle teria criado sêres tão opostos às suas perfeições e tão contrários aos seus designios que tivesse de os condenar por tôda a eternidade? Devendo ser Deus o supremo modelo das mais excelsas virtudes, porque nos ensina então a odiar com um ódio inextinguível! Se êle, cuja liberdade absoluta e perfeição infinita condena sêres a torturas infernais, como se compreende que Jesus nos ensinasse — míseros humanos! — a amar os nossos inimigos e a retribuir com o bem todo o mal que nos fizessem? Nenhum de nós tem, por certo, deveres maiores para com os seus inimigos, do que o Criador tem para as suas criaturas. O homem era condenado, então, por um crime cuja responsabilidade só a Deus pertencia.

* * *

A expressão — *credo quia absurdum*, traduz nitidamente o conceito dominante na teologia dogmática. A verdade religiosa tem por alicerce um mistério — o dogma — ao passo que a verdade filosófica, seguindo o método carteziano, assenta sôbre a evidência intelectual o seu critério de certeza. O império da fé é fundo e tenebroso, quanto o império da razão é alto e resplandecente. Todas as tentativas de conciliação entre a fé e a razão, têm resultado estêreis em virtude do antagonismo que existe entre as leis do pensamento num e noutro domínio. São dois mundos à parte, dois mundos separados, com características diferentes.

A metafísica ressent-se bastante destas tentativas conciliatórias que só têm gerado proposições vãs de sentido obscurecendo a solução de vários problemas. Raciocinar com o mistério é gerar o absurdo pois desconhecemos as leis que podem conduzir-nos com segurança. O império da fé é um labirinto imenso onde a luz da razão não sabe encaminhar-nos. E' possível que a fé consiga abranger o absoluto, — não há razões que o afirmem nem que o neguem — mas a razão é que nunca conseguirá êsse milagre porque não pode ultrapassar o domínio do relativo.

A investigação da existência de Deus está dentro do âmbito da razão humana, mas outro tanto já não sucede com respeito à sua natureza que será eternamente indeterminada. O problema do mal, tal como Epicuro o enunciou, não está bem formulado, porque, no sêr absoluto que seria Deus, identificam-se, necessariamente, o *querer* e o *poder*. Todavia, os argumentos assim aduzidos conservam todo o seu valor perante as concepções teológicas que consideram legítima aquela distinção.

Parece-nos que, racionalmente, o problema do mal só pode admitir duas soluções: — ou Deus existe e o mal tem um valor relativo, transitório, dando plena satisfação aos imperativos morais da consciência, ou então terá um valor absoluto, definitivo e Deus não pode existir. Vejamos agora qual das duas soluções se nos impõe.

* * *

« Acima de todas as coisas, — diz Taine (*Philosophie française au XIX siècle*) — há um axioma eterno cujo eco prolongado forma, por meio das suas inesgotáveis ondulações, a imensidade do Universo; fórmula criadora e imortal, eterna, onnipotente, inefável. »

Eis a Idéa pura, o núcleo fundamental em tórno do qual gravitam todos os sêres numa vertigem de sonho, ignota, como em tórno dum sol esplendente revolteiam os planetas obscuros bebendo luz, calor e vida — sol infinito que inunda o Universo, que banha todos os sêres nas vibrações eternas do seu amor.

Quem pode duvidar que há uma harmonia pre-estabelecida que condiciona a existência? Se há leis gerais invariáveis não haverá legislador (1)? Não será maravilhoso, por exemplo, que os ângulos diedros dos cristais tenham um valor específico (lei de Romeu de l'Isle)? Que na pequeníssima semente da mostarda exista a virtualidade da árvore fronde? Que o óvulo se organize de harmonia com o meio futuro em que terá de viver? Não se revela em tudo uma « *idéa directrice* » (Cl. Bernard) que orienta a vida para uma finalidade (2) pre-determinada? A ordem cósmica (3) donde se deduz o princípio da causalidade — base de tóda a sciência — não será uma prova evidente da existência de Deus? Se o *acaso* fôsse a lei suprema poderia haver sciência?

Se os sêres não têm em si uma razão suficiente não haverá fora dêles uma razão necessária? Como seria possível a passagem da potência ao acto sem que houvesse um factor que a determinasse? E que outro factor poderia ser senão um « *movens immobile* »?

Bertauld (*Etude critique des preuves de l'existence de Dieu*, t. I) pretende destruir a necessidade da existência de Deus (4), proclamando a eternidade da matéria, mas esta concepção além de carecer de valor experimental não resolve o problema do sêr.

Tóda a modificação exige uma causa necessária de modo que, mesmo admitida a eternidade da matéria, não se suprime a necessidade divina. Por sua vez a eternidade do movimento exige uma causa suficiente. Assim todas as soluções que possam apresentar-se, independentemente da existência de Deus, apenas conseguem deslocar o problema para um ponto mais remoto, mas mais incerto, sem preencher o vácuo que nos tortura o pensamento (5).

(1) Voltaire dizia :

« *L'univers m'embarasse, et je ne puis songer
Que cette horloge existe et n'ait point d'horloger.* »

(2) Janet — *Les Causes Finales*.

(3) « E' tão absurdo atribuir a ordem cósmica ao jôgo das leis físicas sem ter em conta o Eu ordenador, como atribuir a vitória de Marengo às combinações estratégicas sem ter em conta o primeiro Consul. » (Proudhon — *Système des contradictions économiques*. Prologue).

(4) Banir a metafísica: pretenção louca de teófobos desvairados! São exactamente os que mais apelam para o valor da experiência que formulam as hipóteses metafísicas mais extravagantes. Quiseram destruir a metafísica, mas apenas conseguiram modificá-la, porque a metafísica só se combate fazendo metafísica. Então, incapazes de a destruir, desdenharam-na, mas não lograram dispensá-la. Augusto Comte sentiu bem as deficiências do positivismo de que se fez o pontífice e porisso transitou para a metafísica, na segunda fase da sua vida intelectual. Poincaré diz admiravelmente que a sciência sem generalização não tem valor scientifico e a generalização é um processo essencialmente metafísico. O mesmo sucede com o raciocínio experimental que consiste em observar, supor, deduzir e verificar.

(5) Rousseau (*Emile*, IV, 19) diz: « *Conservai sempre a vossa alma em estado de desejar que haja um Deus, e jãmais duvidareis da sua existência . . . Fugi daqueles que pretextando explicar a natureza, infiltram nos corações humanas doutrinas desoladoras, e cujo aparente scepticismo é mil vezes mais afirmativo* »

O mundo dos fenómenos é a trágica sombra do mundo das idéas, a projecção do absoluto no domínio do relativo, a particularização do geral, a pulverização do infinito. Tôda a realização é um esgotamento de possibilidades; uma queda brusca de potencial — a queda original; a agonia duma esperança que se converte em saudade — sonho alado de nuvem, desfeito em gotas de água; uma ânsia de Ideal agrilhoadada na tortura da forma que limita e prende; um arrependimento para a volúpia insaciável dos sentidos; o tédio da Solidão informe; a fuga do caos em busca do Nirvana. E' a morte do poder ser, do vago, do indeterminado, do indefinido!

O mundo das idéas é o próprio caos, eterno, imensurável, inconcebível, onde todas as formas têm a sua virtualidade, onde todas as possibilidades se escondem, onde todas as energias se condensam. E' o manancial inesgotável donde brotam todas as intuições do nosso espírito que formam a essência dô pensamento — fonte perene de águas vivas que dessedentam a nossa imensa sêde espiritual.

A necessidade da existência de Deus não é apenas de ordem intelectual, mas também de ordem moral. Que outra origem podia ter êste facho luminoso, inextinguível, que é o pensamento, êste mistério profundo, insondável, que é a consciência? Que mãos invisíveis fazem vibrar, na natureza, essa mística harmonia que é o amor que já nos minerais entôa os primeiros epitalâmios no ritmo mecânico das afinidades químicas, inspira nas plantas o doce idílio dos pólenes e toma nos animais o carácter de instinto até se elevar, no homem, à pura abstracção de sentimento moral?

Donde vem a fôrça analéctica, prodigiosa, que nos ampara e nos sustém, que nos alenta e nos conforta, fôrça a que se chama coragem, paciência, resignação, sorriso bendito de feridas que sangram — lábios vermelhos da dôr — sacudir de guisos com que o jogral abafa os gemidos, estoicismo singular, análgico, das almas que a dôr tempera?

Que poder transcendente exerce sôbre nós essa atracção incoercível, amaviosa, a que se chama esperança, apoteose deslumbradora que nos fascina e nos eleva em doce anagogismo, luz inebriante que inunda de clarezas as trevas do desalento, como um luar esplendoroso rasgando horizontes ilimitados, voz enigmática de Esfinge, perdida no deserto, eco dum beijo que vem do Céu beijar em desventura, que transfigura em prazer o mais áspero sofrimento, reflecte no pranto a miragem dos sonhos, e faz florir as chagas gerando mártires?

Quem semeou no coração humano êsse gérmien sublime de amor que se desenvolve e cresce incessantemente, — a caridade, suprema virtude, ambrosia celeste, bálsamo suavíssimo que se derrama sôbre as misérias do mundo, edulçurando-as, auréola radiosa de santos, alívio de tristes, bênção redentora, floração de estrêlas scintilantes?

(Continua)

ANTÓNIO L. VILELA

e mais dogmatizador que o tom decidido dos seus adversários. Sob o desdenhoso pretexto de que só elles são iluminados, verídicos, sinceros, submetem-nos imperiosamente às suas decisões dogmáticas, e pretendem impôr-nos, como verdadeiros princípios das coisas, os sistemas ininteligíveis que architectaram em sua própria imaginação. E assim, demolindo, arrasando e calcando aos pés tudo o que a humanidade respeita, tiram aos aflitos a única consolação da sua miséria, e aos ricos e poderosos o único freio das suas paixões; arrancam do fundo do coração o remorso do crime, a esperança da virtude e ainda se gloriam de ser os benfeitores do género humano. Nunca, dizem elles, a manifestação da verdade pode ser prejudicial ao homem. Nisto também eu penso como elles, e, a meu ver, é esta uma grande prova de que as suas doutrinas não são verdadeiras».

Um caso de aparição

Em conformidade com o pedido que temos feito aos nossos leitores para nos relatarem todos os factos supranormais de que tenham conhecimento e cuja autenticidade possam garantir, escreve-nos o nosso prezado confrade sr. Joaquim Dias Mota, residente em Sá da Bandeira, distrito de Huila, Angola, narrando o seguinte:

Conforme o pedido feito na Revista n.º 1 de 1928, a qual só hoje me foi dado ler, vou relatar um caso de aparição de um espírito, segundo presumo, a uma minha filha, que ao tempo tinha três anos e meio de idade:

A' uma hora da noite de 19 de Novembro de 1919, nascia, aos sete meses de gestação, e por tal motivo, sem ser esperada, minha filha Irene que hoje vive ainda, e, como estivesse só com minha mulher e desconhecesse quais os socorros a prestar à parturiente, fiquei um pouco atrapalhado, tendo ela, nessa ocasião, feito a promessa, a uma santa da sua devoção, de uma vela da altura da criança se fôsse feliz no parto. Foi feliz, e a promessa não foi paga então.

Em 1922 a 27 de Dezembro falecia minha mulher, desconhecendo eu se a promessa tinha ou não sido paga, pelo que nunca me preocupei com tal assunto.

Em meados de Junho de 1923, ao chegar a casa da família onde a pequena se encontrava, pelas 12 horas, fui encontrar todos alvoroçados, sendo-me dito que estando a Irene a brincar só, numa das salas, ouviram-na em dado momento gritar cheia de terror e, quando dela se aproximaram e perguntaram a causa daqueles gritos, respondeu: «Está ali um bicho», apontando para um dos cantos da casa, mas ninguém viu coisa alguma. Passaram-se algumas semanas mais, sem novidade, tendo eu já esquecido o primeiro incidente, quando, uma noite, estando a pequena já dormindo, e eu, então já casado em segundas núpcias, fazendo serão em companhia de minha mulher numa sala contigua ao quarto, ouvimos a criança novamente gritar: «Está ali um bicho debaixo da cama». Isto por várias vezes, durante o espaço de tempo que levámos a chegar até junto dela, e, tendo procurado no sitio indicado, nada vimos.

Atribuí o caso a algum pesadelo que tivesse tido, e, como da primeira vez, nada fiz para tentar desvendar o mistério, a-pesar-de já algumas vezes ter ouvido falar em espiritismo e perfilhar a sua doutrina. Seis ou sete meses depois, saindo eu de casa para a Repartição, pelas 14 horas, acompanhado de minha filha, que pelo mesmo caminho seguia para casa dos pais de minha mulher, ao afastar-se alguns passos de mim, novamente soltou os gritos: «Está ali um bicho», e, correndo eu para ela nada vi, a-pesar-de me estar indicando o sitio onde, dizia, estava vendo um bicho preto. Então, já verdadeiramente intrigado e depois de ter voltado para casa, servindo-me de uma cadeira, por não ter mesa própria, e, pelo processo vulgar, só com o auxilio de minha mulher, puz-me em contacto com os seres do Além, vindo então falar o espírito da mãe da garota que me disse ser ela que por três vezes lhe tinha aparecido na forma de um vulto escuro, a-fim-de chamar a minha atenção, pois me queria dizer que precisava, para então ficar descançada, que fôsse paga a promessa que tinha feito quando a criança estava nascendo.

Sendo lhe por mim perguntado se depois da promessa paga ainda tornaria a aparecer, respondeu-me que não, pois estava muito bem. No dia imediato fui pagar a promessa, e até hoje nunca mais a criança tornou a vêr «bichos».

Três Fantasmas

No princípio do outono de 1905, em noite plúmbea mas acariciadora, subiamos tranqüilamente, eu e meu irmão mais novo, a «Calçada da Renda». O som plangente do bronze da Torre da Vila anunciava 23 horas. Acabáramos de transpôr o largo do cruzeiro fronteiro à residência do Abadé da freguesia e havíamos já ingressado no caminho estreito que apenas dá passagem a um carro de bois, quando ouvimos os primeiros passos de alguém que caminhava em direcção a nós.

As nuvens espessas, difficilmente deixavam coar uma réstea de enfraquecido luar, que mal nos permitia vêr o solo onde apoiávamos os pés. Estávamos além da lorangeira de fruto azêdo, cara ao nascente, mesmo prestes a caminhar sob a ramada da vinha que cobre o caminho, e eis que se aproxima um vulto alto, muito alto, de dimensões descomunais, coberto de crepes largos, que nos impediram de lhe vermos as formas do corpo.

Em virtude de tão macabro encontro... parei e empunhei com ambas as mãos, o cacete que até então conduzira na dextra. Em sentido mantinha-me em atitude defensiva. O meu pequeno companheiro tomou posição à minha esquerda e, transido de pavor, limitava-se a confirmar os meus comentários.

A Lua espreitava-nos languidamente através da densa neblina. O indesejável transeunte passou pelos seus espectadores sem fazer o mínimo gesto, nem sequer alterou o seu passo firme; dir-se-ia que não deu pela nossa presença. Seguimo-lo com a vista, e, quando se eclipsava na curva que fica ao poente do referido largo, outros passos nos chamaram a atenção para os lados da procedência dos primeiros.

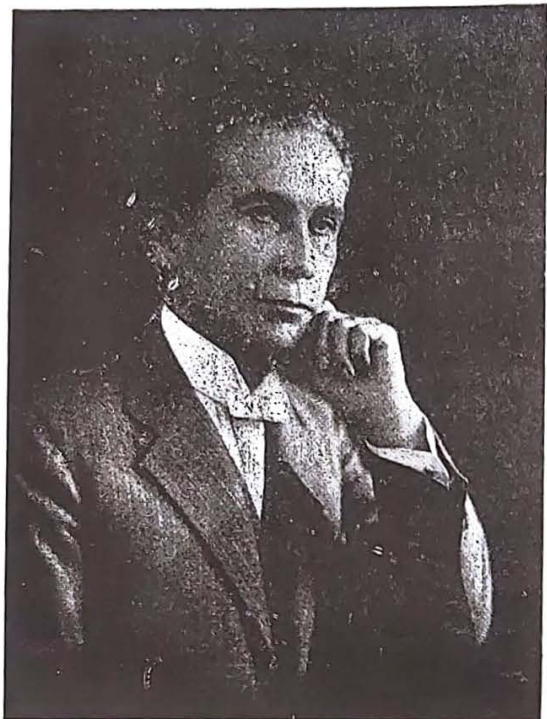
Desta vez, surgiu um sacerdote de estatura regular. O meu sangue frio, a presença de espírito que me é peculiar em tais emergências, permitiu-me analisar minuciosamente, com olhos de investigador, os trajos dêste segundo personagem que envergava sotaina, sôbrepeliz e usava estola no braço, mas — oh! fenómeno singular, — êle não trazia cabeça nem coisa alguma que lha ocultasse. Passou como fizera o primeiro, sem contender connosco e não admira, visto não possuir êle, a sede dos órgãos visuais.

Simultaneamente, vibrou no tímpano dos nossos ouvidos o rumor de mais passos, mas agora faziam-se acompanhar dum ruído metálico que não nos era estranho. Este terceiro viandante assemelhava-se ao que o precedera, em trajas e na falta da cabeça, mas conduzia na dextra a caldeirinha da água-benta, e como de passagem nos desse a esquerda e não fôsse fácil, de perfil, examinar o objecto que conduzia na direita, obriguei-me a fazer um movimento indiscreto para melhor me certificar da veracidade do facto. Era o último, o que fechava o misterioso cortejo, que caminhava, silenciosamente, em direcção à Igreja.

A curiosidade despertou-me o desejo de lhes seguir no encaço e já tinha dado os primeiros passos quando os rogos do meu companheiro me obrigaram a desistir.

INQUÉRITO

IX



Pedro Camargo (Vinicius)

Publicamos hoje mais um valioso depoimento do inquerito que a «Revista de Espiritismo» está fazendo entre as figuras de maior representação no movimento espirita contemporâneo.

Vai responder aos quesitos por nós formulados o brilhante escritor brasileiro sr. Pedro Camargo que usa o pseudônimo de Vinicius e cuja extraordinária fecundidade literária, lhe permite colaborar, duma maneira efectiva, em quasi todas as numerosas publicações espiritas do Brasil e de Portugal, imprimindo aos seus artigos um notável cunho de sinceridade e de elevação.

Fervoroso apóstolo do Espiritismo é um dos seus propagandistas mais devotados muito tendo contribuído, pela pena e pela palavra, para a sua divulgação e triunfo em terras brasileiras, promovendo e auxiliando a constituição de vários núcleos espiritas, alguns

dos quais tem orientado com a sua superior proficiência.

Il.^{mo} Sr. — Dou em meu poder a sua prezada carta de 21 do pretérito, a que passo a responder.

Tenho acompanhado com vivo interêsse e grande satisfação o desenvolvimento do Espiritismo em Portugal, nossa segunda pátria.

A «*Revista de Espiritismo*», órgão da Federação Espírita Portuguesa, faz honra à imprensa espírita como legítima expoente dos postulados em que se funda o Espiritismo, considerado em qualquer dos seus aspectos: ciência, filosofia e religião. A «*Luz e Caridade*», editada em Braga, a seu turno, vai preenchendo perfeitamente o seu papel de propagadora dos belos ideais espiritualistas.

Eu me rejubilo imensamente com essa auspiciosa actividade, prevalecendo-me da ocasião para apresentar, por intermédio da Revista, à imprensa espírita portuguesa, e a todos os nossos irmãos de além-mar, as minhas saudações fraternas e calorosas, dizendo: Avante! são chegados os tempos!

Com relação aos quesitos que me foram propostos, passo a responder-lhes, sem deixar reconhecer, antecipadamente, a desvalia do meu parecer. Será apenas o testemunho de uma crença sincera.

COMO CHEGUEI AO ESPIRITISMO

Cheguei ao Espiritismo pelo raciocínio, pela razão e pelo sentimento.

Tornei-me adepto sem que, até então, houvesse presenciado um caso, sequer, dêsses a que denominam—espíritas. Não entrei pela porta da fenomenologia. Sempre achei que tudo o que nos rodeia — macrocosmos e microcosmos — nos convida a crer. Sondando os recessos íntimos do meu sêr, encontrei também motivos ponderosos para crer. Filho de pais católicos, fui, a despeito disso, por certas circunstâncias, aluno de colégio protestante, passando no meio dos reformistas boa parte da minha adolescência.

Li o Evangelho de Jesus Cristo e encontrei ali páginas admiráveis que me extasiavam. Sentia-me arrebatado ao meditar as suas parábolas e alegorias admiráveis. Mas, a explicação ou a interpretação que lhes davam os credos — católico e protestante — não me satisfaziam.

A idéa de justiça é inata em mim. Procurei sempre conciliar a existência de Deus com a idéa de justiça, de modo que satisfizesse a minha razão. Buscava justiça na fé, e chocava-me amargamente a estrutura dogmática dos dois credos que eu conhecia bem de perto.

Assim permaneci por espaço de alguns anos, sentindo que devia crer, e, ao mesmo tempo, não encontrando uma base sólida em que apoiasse a minha fé. A existência de um poder, de uma fôrça criadora, inteligente, sábia e misericordiosa (Deus) era, para mim, facto incontestado. Eu sentia essa verdade: ela não estava só na minha mente, mas também no meu coração. Todavia, afligia-me quanto à maneira de harmonizar os atributos divinos — maxime o de justiça — com os factos que eu presenciava no cenário da vida humana. Crer sem entender não se ajustava com o meu critério, por mais boa vontade que tivesse.

Finalmente, certa vez, veio-me às mãos o « *Evangelho Segundo o Espiritismo* », de Kardec. Li-o com avidez. A' medida que ia percorrendo as suas páginas, uma aurora raiava em meu interior! Disse, então, comigo mesmo: achei a verdade, vi a luz!

Tratei de conhecer as demais obras daquele autor. Comecei a observar um caso curioso: Tôda a obra espírita que lia, parecia-me conhecê-la já de há muito. Iniciava um capítulo, e desenhava-se na minha mente (ou talvez no meu subconsciente) o desfêcho do assunto. O mesmo se dava com as produções de Léon Denis, que passei a ler, logo após as de Kardec. Devo assinalar aqui uma obra cuja sùmula me satisfez extraordinariamente: « *Região em Litígio* », de Roberto Dele Owen.

Após êsse período de leituras, comecei a analizar alguma coisa que se passava no meu íntimo. Cheguei, então, a distinguir nitidamente a acção do Além sôbre mim. Essa influência bemfazeja tornou-se em verdadeira escola, converteu-se em fonte de aprendizagem onde o meu Espírito sedento de luz, de justiça e de amor se tem dessedentado.

Favorecido assim pela misericordiosa graça do Senhor, não me era lícito conservar a luz debaixo do alqueire. Não me satisfiz em ver: quis que os demais vissem. Daí a minha acção no campo da propaganda. Nunca fui um crente estático: quero ser, tenho procurado ser, e espero em Deus, que serei sempre, um crente dinâmico. Não me impressionei com as minhas deficiências e lacunas: o pouco que me é possível fazer, vou fazendo, certo de que o resultado será bom, ainda que me não seja dado constatá-lo no presente.

E' êste o meu testemunho pessoal àcêrca do modo como me tornei espírita, ou melhor, essa é a razão porque venho-me esforçando por ser espírita, o que vale dizer, por ser cristão com Cristo.

O que penso do Espiritismo e da sua influência na evolução da Humanidade

A nosso ver, a influência do Espiritismo no seio da humanidade será eminentemente reformadora. Agirá na sociedade como verdadeiro fermento remodelando usos e costumes. Em todo o sentido, a sua acção benéfica e regeneradora far-se-há sentir de modo positivo.

Não pode deixar de ser essa a sua consequência, visto como o Espiritismo é, ao mesmo tempo, ciência, filosofia e religião. Fala à razão e ao coração, satisfazendo a todas as legítimas aspirações do Espírito. Agindo sobre o indivíduo determina e acelera o desenvolvimento das suas faculdades psíquicas. Forma e consolida o carácter, viriliza a vontade, aprimora os sentimentos. Rasgando novos e ilimitados horizontes aos surtos da inteligência, aclara o caminho da vida, resolve todos os problemas do destino, problemas êsses que, tão de perto, affectam o indivíduo e a sociedade. Finalmente: o Espiritismo educa. O seu papel é, em síntese, realizar obra de educação no sentido amplo e lato do termo. Como é óbvio, claro e evidente, todos os males e distúrbios que perturbam e convulsionam a sociedade, só serão conjurados mediante a educação do homem. Não há outro processo. E, se quisermos estabelecer a hierarquia dos valores entre os vários e complexos aspectos da educação, não temos dúvida em afirmar que a educação moral desembaraçada de pieguices e formalismos; a educação moral positiva, baseada nas leis naturais que regem o destino do Espírito, é a mais importante e a que deve ocupar o primeiro lugar.

A educação moral é a base, é o fundamento sobre o qual cumpre assentar a edificação da obra individual e social: todas as demais modalidades de educação, conquanto necessárias, preciosas e indispensáveis, devem, todavia, repousar sobre aquela. A educação física, a intelectual, a mental, a artística, a profissional e, se outras mais existem, são ancilas da educação moral, e como tal devem ser consideradas. Do olvido desta verdade e do descaso com que se tem tratado de tão transcendental assunto, deixando-o à mercê das castas sacerdotais cujo sectarismo obliterador a tem adulterado e desvirtuado, resultam os fracassos e as quedas das chamadas civilizações. As ditas civilizações, cujo desmoronamento tanta decepção e descrença tem gerado, foram construções erguidas na areia, sem base, sem alicerces, sem moral.

O Evangelho de Jesus Cristo assim nos adverte e assim nos ensina. Portanto, reputamos o lado doutrinário o prisma moral, ético e religioso do Espiritismo como o mais importante, como aquele de que mais carece a humanidade contemporânea, e que, por isso, maiores e mais prontos benefícios lhe vem trazer.

Pretendem alguns que o Espiritismo seja ciência, *tão somente ciência*. Discordamos dêsse juízo. O Espiritismo conjuga ciência, filosofia e religião. Entre estes elementos não pode haver incompatibilidades. Ao contrário, o Espiritismo veio mesmo harmonizá-los mostrando o êrro dos que pretendiam divorciá-los. A ciência pequena e os credos formalistas e escolásticos hão-de viver em hostilidades recíprocas; porém a Ciência grande, que penetra a essência das coisas, e a Religião revelada pelo Filho de Deus — que é o caminho, a verdade e a vida — não se contradizem, pois ambas se ajustam e se completam como as partes de um todo.

O homem *racional*, disse Tolstoi, não pode viver sem religião. Considerando a religião como o elemento que nos fornece a ética da vida, como o factor que age sobre o coração educando e aprimorando os sentimentos, aquela frase é um facto incontestado. Só mesmo a irracionalidade, ou o pedan-

tismo ôco, podem proscreever a religião como coisa desnecessária ao bem e à evolução da humanidade.

A religião pura, diz Spencer, é científica, assim como a ciência verdadeira é profundamente saturada de religiosidade, nada tendo de arrogante e dogmática como a ciência pequena e as seitas exclusivistas. O prof. Huxley assim se exprime sôbre o assunto: «A verdadeira ciência e a verdadeira religião são irmãs gêmeas, e a separação uma da outra provoca fatalmente a morte de ambas. A ciência progride precisamente na proporção de sua religiosidade; e a religião floresce na exacta proporção da profundidade e da firmeza científica de sua base. Os grandes feitos dos filósofos teem sido menos o fruto das suas inteligências do que da direcção dada a essas inteligências por uma orientação eminentemente religiosa do Espírito. A verdade manifesta-se mais à sua paciência, ao seu amor, à singeleza do seu coração, e à abnegação de si mesmo do que à lógica penetração do seu Espírito.»

Sentindo, pois, a veracidade de tal asserto, vemos na parte religiosa do Espiritismo o grande factor da reforma individual e social, o elemento precioso que há de conjurar os flagelos da humanidade: peste, guerra, crime, vício, corrupção de caracteres, miséria.

Agora que já nos manifestámos sôbre a influêcia do Espiritismo na evolução do nosso orbe, vamos finalizar estabelecendo, segundo o nosso critério, a escala natural que a obra da propaganda espírita deve seguir.

Como sabemos, a pedagogia estabelece que se parta do particular para o geral, do concreto para o abstracto, do simples para o complexo, seja induzindo, seja deduzindo. Portanto, temos que assimilar e sentir a doutrina em nós mesmos mediante a nossa experiência pessoal àcerca da influêcia que ela exerce sôbre o indivíduo. Após a nossa conversão, em *espírito e verdade*, há de seguir-se a da nossa família, daqueles que connosco convivem sob o mesmo tecto, comendo à mesma mesa. Depois da conversão dos lares, (ao menos de um certo número dêles) a fôrça do Espiritismo irradiará, então, positivamente transformando o mundo.

E' dos lares cristianizados pela luz do Consolador prometido (Espiritismo) que raiará um dia novo para a humanidade: dia de paz, dia de amor, dia de liberdade.

Brasil — S. Paulo — Piracicaba, Junho-1929.

PEDRO CAMARGO (VINICIUS)

FACTOS SUPRANORMAIS

Apedrejamentos misteriosos que o povo attribuiu a causas sobrenaturais — Sob êste título transcrevemos do «*Diário de Noticias*» de 29 de Novembro do ano findo o seguinte :

«*Seia*, 27 — Há dias que a povoação de Tomais, a 9 quilómetros desta vila, anda muito alarmada com acontecimentos misteriosos que ali teem succedido e que são comentados com o mais vivo interêsse em todos os lugares circunvizinhos.

Na noite de 24 do corrente, começaram a ser apedrejadas várias casas da referida povoação. Os moradores, acordados em sobressalto, saíram para a rua, afirmando alguns dêles sentirem perfeitamente correr sôbre os telhados de suas casas, deixando-lhes as telhas partidas. As pedradas continuaram até ao amanhecer, e, a-pesar-de por tôda a parte se procurarem os autores da proeza, não se conseguiu descobri-los. Os vidros de todas as janelas das residências de António Troca e de sua filha Salete ficaram completamente estilhaçados.

Ao anoitecer do dia 26, continuaram os apedrejamentos, os quais se prolongaram igualmente até ao amanhecer, tendo sido atingido com uma pedrada na cabeça, que o prostrou, José Gouveia, casado, trabalhador rural.

Em face de tais acontecimentos, ontem, o regedor da freguesia organizou um serviço de vigilância com cabos de policia, armados, que percorreram as ruas da povoação durante a noite, para verem se conseguiam prender os misteriosos apedrejadores. A-pesar disso, porém, as pedradas, desde o anoitecer até de madrugada, continuaram a cair sobre as casas não havendo forma de descobrirem donde elas partiam, nem, até hoje, se presume quem sejam os autores.

Como é natural, os moradores da pacata povoação andam muito assustados e resolvidos a não sair de casa durante a noite. O povo ingénuo e sempre disposto a atribuir acontecimentos desta natureza a causas sobrenaturais, já lhes arranjou esta explicação:

Uma tal Rosa do Cabo, que vive no Brasil, escreveu à referida Salete, filha de António Troca, pedindo-lhe para mandar dizer uma missa por alma de sua mãe, cumprindo assim uma promessa que lhe havia feito à hora da morte. A Salete, que vive na casa onde faleceu a mãe da Rosa do Cabo, não fez caso da incumbência, e daí as misteriosas pedradas, que atingem de preferência as casas da Salete e do pai, e que, por coincidência, começaram no dia em que fazia um ano que morreu a mãe da Rosa. Para alimentar esta crendice, o criado do António Troca diz que durante a noite sente alguém puxar-lhe os cabelos, com violência, a ponto de se deitarem da cama abaixo.»

Uma «Aparição»... — Transcrevemos do diário de Lisboa «*O Século*» o telegrama que insere sob esta epigrafe em seu número de 1 de Agosto do corrente ano:

«*Londres, 31.* — No presbitério da abadia de Santa Cruz (Leicester), aparece, a altas horas da noite, a figura dum antigo pároco da freguesia, falecido há dois anos.

O fantasma foi visto, pela primeira vez, há quinze dias, por um frade que pernoitara no presbitério e se julgou vítima de uma alucinação. Mas outros monges vieram ao presbitério, a seu chamado, e a figura do padre morto continuou a aparecer, dizendo aos espectadores horrorizados: «Orai por mim, orai por mim». Todas as noites se repete a aparição misteriosa, e o número de curiosos aumenta. Na última sessão espírita — porque assim se lhe pode chamar — um dos monges aspergiu o presbitério de água benta e disse aos circunstantes: «Rezai pela alma aqui presente, porque ela bem precisa das vossas orações». O bispo católico de Nothingham, posto ao corrente destes factos, deliberou intervir para fazer cessar a especulação.»

O Diabo na Aldeia — *Ninguém consegue apanhá-lo a-pesar das tentativas feitas* — Publicamos em seguida uma noticia inserta sob este titulo, no «*Diário de Noticias*» de 23 de Fevereiro do ano findo que poderá parecer bizarra aos nossos leitores alheios aos singulares fenómenos de *licantropia*. Vários escritores da antiguidade, como Strabão, Pomponius Mela, Dionysius Afer, Varrão, St.^o Agostinho, S. Jerónimo, Delancre, Bodin e outros, descrevem fenómenos desta natureza. Aos nossos leitores que desejem estudá-los recomendamos as obras: *Discours de la Lycanthropie*, por Beauvoys; e *Essai sur l'Humanité Posthume*, por C. d'Assier.

«*Caldas de Canavezes, 20* — Desde meados de Janeiro que os habitantes desta freguesia, especialmente os que moram nas proximidades do lugar do Pizão, vivem num terrível estado de espirito derivado dum grande medo.

Dizem elles que repetidas vezes lhes aparece de noite um estranho animal, cuja configuração não sabem explicar, pelo facto da sua enorme agilidade, afirmando uns que se trata dum lobo de grande corpulência, mas declarando outros que não pode ser, porque não ataca ninguém. Há quem afirme que se trata de pessoa que «anda a correr o seu fado» e até, como o pároco desta freguesia, do próprio Diabo, pois que, além de ser negro, não consegue ser alvejado, desaparecendo logo que se esboça qualquer tentativa de ataque. Acrescentam os que se dizem visitados por tão estranho animalejo que os cães, apenas o pressentem a distância, começam a tremer e a ganir, chegando-se aos donos e sem obedecerem aos incitamentos destes.

Como é fácil de calcular, muitas outras coisas se dizem, as mais disparatadas e ridiculas, com tanta insistência, que o povo das freguesias limitrofes tem aqui vindo assistir às batidas contra o bicho. Estas, que estiveram suspensas nos últimos dias, vão recommençar.»

Espiritos que escolheram domicilio numas obras em Florença — *Atiram pedras àqueles que se aproximam* — «*Le Matin*» insere, sob esta epigrafe, a seguinte noticia:

«Florença, 5 de Setembro — As paragens da rua Circondaria são, desde alguns dias, teatro de uma grande emoção pública: parece que no vasto recinto onde estão em construção algumas habitações populares os espiritos assentaram domicilio.

Os guardas tinham constatado que, durante a noite, madeiramentos e blocos de materiais, mudavam de lugar, enquanto muros acabados de construir se demoliam parcialmente. A vigilância tornou-se mais rigorosa. Numa noite enquanto os guardas acompanhados

de dois filhos se conservavam à espreita numa barraca, foram metralhados durante várias horas. Na tarde seguinte o mesmo acontecimento se reproduziu na presença de um dos directores das obras. Os carabineiros e alguns milicianos fascistas, armados até aos dentes, dirigiram-se ontem de dia à rua Circondaria. Foram recebidos à pedrada sem poderem descobrir os seus agressores... »

Um caso de telepatia verdadeiramente extraordinário — *Um homem ouve ao telefone a voz de sua mulher que, agonizante, o chama. — Ora esta não tinha podido, materialmente, dirigir-lhe este supremo apêlo. — E' com esta epigrafe que «Le Matin», de Paris, publica a seguinte noticia:*

«Berlim, 5 de Setembro — Um caso estranho de telepatia produziu-se ultimamente em Posnania. Um grande proprietário chamado Foltanski tinha mandado sua mulher e seus filhos para a sua propriedade, mas tinha sido forçado êle próprio a ficar na cidade para terminar os seus negócios. Uma noite êle foi despertado pelo toque repetido do telefone. Tomou o auscultador e ouviu a voz de sua mulher que lhe dizia: «Vem imediatamente e leva as crianças. Não é conveniente que elas fiquem assim a chorar sôbre o meu cadáver.»

Foltanski ficou surpreendido tanto mais que sabia que não tinha telefone na sua casa de campo. Chamou a central telefónica e perguntou donde provinha a chamada. Respondeu-lhe que nenhuma ligação lhe havia sido feita.

Esperou como louco até amanhecer e transportou-se então à casa onde habitava sua familia. Chegado ali soube que sua mulher tinha tido de noite uma crise cardíaca à qual tinha succumbido. Sentindo faltar-lhe as forças, ela tinha manifestado o desejo de chamar o marido pelo telefone, mas não tinham podido aceder à sua última vontade porque o posto telefónico mais próximo ficava à distância de doze quilómetros. (*Daily Mail*) »

Os fantasmas de Bauerwell — *Uma casa em que as portas se abriram sem ninguém lhes mexer* — Sob esta epigrafe transcrevemos do «Diário de Noticias», de Lisboa, de 15 de Agosto findo, o seguinte:

«Contam os jornais ingleses ultimamente chegados a Lisboa, que em Bauerwell, povoação próxima de Newports (Inglaterra), toda a gente nestes últimos tempos se encontrava alarmada, com uma série de factos inexplicáveis e misteriosos ocorridos numa casa dali.

Há três meses, um prédio que esteve desabitado durante anos foi alugado por uma familia que veio fixar a sua residência naquela povoação. Logo nos primeiros dias em que ali entraram começaram, de noite, sentindo passos numa escada que subia para um sótão, sem que dessem contudo importância de maior a tal facto, pois supunham que se tratasse da repercussão dum rumor vindo de fora.

No entanto, e dias depois, os inquilinos já não sentiam só o ruído de passos, mas outros mais fortes, como por exemplo, se caíssem pessoas nessa escada, e viessem rolando por ela até cá abaixo, ao soalho. Ao mesmo tempo começaram a notar que portas que se deixavam fechadas, apareciam inexplicavelmente abertas. E, por outro lado, que os móveis, que hoje estavam num quarto, apareciam noutra habitação, no dia seguinte! Mas o que ainda mais alarmou os inquilinos dessa casa estranha foi a atitude dum gato que possuíam. Esse gato, que aliás já estivera noutras casas com sótão, quando se aproximava das três escadas que para êle trepavam, dava saltos, e delas fugia horrorizado, como se visse alguém ou alguma coisa que olhos humanos não enxergavam. O animal, para vir à cosinha, situada precisamente no sótão, dava uma grande volta por fora da casa, e acabava por entrar nela por uma das janelas que deitavam sôbre um páteo.

Os habitantes da casa acabaram por se convencer que nela morava um ser invisível, causa de todos aqueles inexplicáveis fenómenos, e dispunham-se a abandoná-la, quando uma das senhoras da familia, ao descer as escadas misteriosas, sentiu que alguém lhe dava um grande encontrão, e caiu de cabeça cá em baixo. Ao estrondo, que se ouviu por todo o prédio, acudiram os inquilinos. E a pobre senhora foi levantada, sofrendo várias escoriações na cara e presa duma comoção nervosa. Daí por diante é que ninguém mais quis lá viver.

A gente de Bauerwell continua atemorizada. Só o gato poderia e saberia dizer o que era aquilo — se gatos soubessem falar.»

Um facto curioso — O importante diário «Jornal do Comércio» de Manaus, Amazonas, narra, em seu número de 13 de Março findo, o seguinte caso interessante:

«De certos dias a esta parte os telegrafistas do rádio, de serviço na Ponta do Ismael, vinham notando que o aparelho Morse manipulava uns sinais que significavam: *Acudam-me. Estou no escuro. Acendam uma vela. A. P. Viana.* Pensando tratar-se de alguma brincadeira da estação da cidade, não davam importância ao caso.

No dia sete do corrente, estando de serviço o telegrafista César Santos notou, naquele aparelho, as mesmas palavras e respondeu aborrecido, que deixassem de graça, pois no

seu serviço não admitia brincadeira. Eram vinte e três horas. O aparelho, nessa ocasião, registou estas palavras: *Não estou brincando. Rezem por mim. A. P. Viana.*

O telegrafista ficou um tanto intrigado com a coisa, pois lembrou-se de que A. P. Viana era como se assinava um seu antigo colega, falecido havia sete meses em Boa Vista do Rio Branco. Por isso comunicou o que se passava aos seus colegas de quarto, Nelson Pessoa e Lino Lima, os quais resolveram rezar, em voz alta, em favor da alma do extinto. Terminada essa prece, o aparelho, sem que ninguém nele tocasse, registou o seguinte: *Muito obrigado. Mandem rezar uma missa por minha alma. A. P. Viana.* Foi justamente, esta última parte que impressionou os telegrafistas, pois, até então, ainda tinham dúvidas de que tudo aquilo não passava de pilhéria de algum empregado da estação da cidade, o que, como se vê, não podia ser, uma vez que as palavras *muito obrigado* vieram logo após a prece, que só foi ouvida pelos que se encontravam junto ao aparelho Morse.

Em vista disso, os aludidos telegrafistas e os outros colegas do distrito rádio mandaram celebrar, sábado passado, uma missa na catedral, em sufrágio da alma do telegrafista Viana. »

Desde sexta-feira última que pedradas misteriosas alarmam uma «Vila» na Rua Herois de Kionga — Do diário de Lisboa «*O Século*» transcrevemos, sob este título, a seguinte notícia que vem inserta no seu número de 28 de Agosto passado:

«Devem os leitores do *Século* estar lembrados daquele caso das pedradas misteriosas, ocorrido, há meses, nas proximidades do cemitério dos Prazeres, e que durante alguns dias trouxe alarmados os moradores daquele sitio e bastante deu que fazer à Polícia. Caso idêntico se regista agora, numa «vila» da rua Herois de Kionga, onde, desde sexta-feira última, tem caído um chuva de pedras, não havendo meio de descobrir a sua procedência.

Nas ruas Marques da Silva e Herois de Kionga há uma quinta pertencente aos herdeiros de Boto Machado. Nas trazeiras existe um terreno desocupado, no extremo do qual fica a «vila» Loureiro, constituída por cinco casas abarracadas, com frente para as trazeiras da quinta. A «vila» é acessível por um pátio que tem entrada pela rua Herois de Kionga. E' esta «vila» alvejada pelas misteriosas pedradas, que trazem alarmados os seus moradores, que bastantes estragos lhes tem causado, pois poucos vidros das janelas e portas se encontram ainda inteiros. Na última sexta-feira de manhã, a mulher do sr. Adelino Santos, que mora numa das casas da «vila», sentiu estilhaçar-se um vidro da janela. Correu a vê-lo que se tratava, supondo, desde logo, que o vidro tivesse sido partido pela garotada traquina, que por ali abunda. Verificou que a sua suposição era errada, porquanto as pedras continuavam a cair, atiradas por mão misteriosa, não sendo possível localizar o sitio donde elas partiam. O facto como é de supôr, alarmou os moradores da «vila» e não poucos da rua Herois de Kionga, os quais iniciaram imediatamente pesquisas para descobrir o apedrejador ou apedrejadores. A-pesar dos seus esforços, nada conseguiram encontrar de suspeito, embora as pedras continuassem a cair. Um dos pesquisadores alvitrou, então, que se penetrasse na quinta dos herdeiros de Boto Machado, pois era provável que o misterioso provocador ali se ocultasse. Com o assentimento de um dos herdeiros que ali reside, atravessaram a propriedade, mas a procura resultou também infrutífera. Em face disso, os moradores da «vila» resolveram queixar-se na esquadra de Polícia do Alto do Pina, que para ali enviou alguns guardas, os quais fizeram várias diligências, que não deram resultado.

O apedrejamento devia ter durado cêrca de uma hora. Findo esse espaço de tempo, parou, o que fez supôr aos moradores da «vila» que o apedrejador se tinha posto em fuga, com receio da Polícia. Ao anoitecer, porém, a «vila» voltou a ser alvejada com uma chuva de pedras, que intimidou os moradores, pois alguns dos projecteis entraram-lhes em casa, provocando estragos. Resolveram queixar-se, novamente, à Polícia, que para ali destacou vários guardas que com o auxilio dos moradores, bateram todas as imediações, não conseguindo descobrir o misterioso apedrejador, embora as pedras continuassem a alvejar as casas cujos vidros, de vez em quando, eram estilhaçados. Cêrca das 2 horas, o apedrejamento terminou.

No dia seguinte, pelas 19 horas, voltaram os moradores da «vila» a ser alarmados pelas pedradas, não conseguindo descobrir a proveniência dos projecteis pois ainda ninguém por mais atilado e perspicaz, pôde descobrir a trajectória das pedras. E' curioso o facto delas caírem com pouca fôrça, embora sejam volumosas, tendo algumas atingido os vidros sem os partirem.

Alguns moradores chegaram a suspeitar que os apedrejadores fôssem uns rapazes que constituem um grupo designado «Pagens de Nuno Alvares» e que se reúnem na quinta dos herdeiros de Bôto Machado, mas que a Polícia averiguou serem infundadas as suspeitas. Até agora ainda nada se conseguiu descobrir, embora os moradores, alguns vizinhos e a Polícia tenham feito as mais aturadas pesquisas.

Como de costume, ontem, de manhã prosseguiu o apedrejamento da «Vila», tendo sido atingidas, sem conseqüências, várias pessoas, entre os quais o civico n.º 2.478, que recebeu uma pedrada nas costas, quando falava com um dos moradores. Uma das pedras estilhaçou um vidro e foi cair no berço duma criança que não foi atingida por acaso. O apedrejamento terminou pelas 11 horas, para prosseguir á noite, até cerca das 2 horas.

A Polícia tem já, porém, uma pista, cujo fundamento val averiguar. Como é de calcular, há já quem veja no caso a lendária «alma penada», que a fantasia popular reclama para explicar certos factos, que se lhe afiguram misteriosos.»

Os Mortos voltam? — O aparecimento das suas effigies nas paredes das casas em que viveram — Uma senhora conta ao «Diário de Notícias» as estranhas circunstâncias em que viu e reconheceu o Marquês e a Marquesa de Távora — Sob esta epígrafe transcrevemos do «Diário de Notícias», de Lisboa, de 29 de Julho de 1923, a seguinte interessante noticia:

«Contámos há dias nestas colunas o caso de ter aparecido na parede de uma capela da catedral de Oxford, Inglaterra, o retrato do notável professor e decano da universidade da mesma cidade, sr. Didell, cujos ossos repousam na referida capela. E dissemos que o aparecimento dêsse retrato, indiscutivelmente não pintado por mão humana, pois que tem todo o ar de ser formado por manchas de água, apaixonou as atenções dos homens de todas as sciências, e especialmente dos espiritas, chegando o «Dailly Express» a consagrar-lhe vários artigos. Pergunta-se há muitos anos, sem que ninguém se atreva a dar-nos uma resposta concludente, se os mortos voltam; agora é o caso de perguntar, mais concretamente, se os mortos pintam, isto é, se possuem a estranha faculdade de pintarem os seus próprios retratos nas paredes das casas onde viveram. A este respeito recebemos uma interessante carta, que em seguida vamos publicar. E' assinada por «Uma mulher que viu» e é escrita manifestamente por mão feminina. Da autenticidade do que nela se conta sabemos tanto como o leitor. Pode ser que seja uma «blague». Contudo, da sua redacção, a qual não alteramos uma virgula, parece desprender-se um perfume de sinceridade impressionante. Os leitores dirão.

A carta é como segue:

...Sr. Dr. Augusto de Castro:

A propósito de um artigo do seu jornal intitulado «Os espiritos pintam?» lembrei-me de contar a V. um facto sucedido comigo na casa onde habito e que é a mais fiel expressão da verdade.

Não gostando de viver no centro da cidade, aluguei, há dois anos, um velho solar de há muito desabitado. Nos primeiros dias, não tive tempo de aborrecer-me, encontrando mil restos de curiosas antiguidades, alguns na verdade bem interessantes. O velho casarão remonta ao tempo pombalino e até dizem que foi pertença dos frades. Todo o seu ar vetusto infundia respeito, mas eu, felizmente, não sou medrosa. Escolhi para meu quarto de cama a sala principal (quasi um salão). Nas paredes claras havia manchas, sombras, de que não fiz caso, na ideia de comprar papel, imitação de tapeçaria, para forrar essas paredes.

Curiosa, perdia-me em conjecturas de quem teria sido a casa no seu longinquo passado, o que nela se teria dado em tantos anos de existência?... Conversando sobre o assunto com uma senhora de minha família, e baseando-me em cartas todas colhidas nas minhas investigações, vim a saber que isto talvez tivesse sido um dia de Távora ou Lafões. Passou-se tempo. E uma manhã, acabando de levantar-me e abrindo a janela, vi desenhar-se, nitida, numa das paredes, em tamanho natural, a figura de um homem vestido rigorosamente como no tempo do marquês de Pombal mas, meu Deus! decapitado e sem mãos, parecendo ver-lhe ainda os côtos sangrentos! Era exacta, precisa, essa figura, formada pelas manchas azuladas da parede clara que lhe servia de fundo! Na outra parede, ao lado (ao meio uma porta) surgiu aos meus olhos um busto, também em tamanho natural, de uma mulher, uma fidalga da mesma época, elegante, distinta, de acentuadas linhas de formosura! De perto, perdia-se um pouco; mas a uns dois metros de distância, era nitido, perfeito. Pessoas de casa viram, alguns íntimos também; mas as obras urgiam, veio o papel e tudo desapareceu sem mais vestígios deixar, sendo em mim a plena certeza de que há mais alguma coisa para Além do que nós julgamos.

Porém, a mais forte comoção por mim sentida nesta casa foi quando há tempos folheando uma illustração, vi o retrato da Marquesa de Távora, o mesmo, tal qual, que existia no meu quarto! No da parede faltava um pormenor, que achei na illustração: não se percebia bem o que segurava no braço erguido; parecia fazer menção de cheirar uma flor; no da aludida publicação achei o que faltava; no braço erguido, a mão segurava a extremidade da pele lançada aos ombros!

Não sou uma criança nem uma visionária. Por isso afirmo a V. que acabo de lhe contar um facto verdadeiro. Faça V. o uso que quiser desta carta de—Uma mulher que viu.

Federação Espirita Portuguesa

**Corpos Gerentes para o triênio de 1930 a 1932 eleitos, por aclamação,
na Assembleia Geral realizada em 14 de Dezembro de 1929**

ASSEMBLEIA GERAL

PRESIDENTE — Dr. José B. Gonçalves Teixeira
VICE-PRESIDENTE — General Arnaldo Costa Cabral de Quadros
1.º SECRETÁRIO — Artur Lobo d'Ávila
2.º SECRETÁRIO — Patrício Mendes Puga

DIRECÇÃO

PRESIDENTE — Ayres Vaz Raposo
VICE-PRESIDENTE — Dr. António J. Freire
1.º SECRETÁRIO — Capitão Arnaldo Gomes Duarte
2.º SECRETÁRIO — Augusto Grave
TESOUREIRO — Policarpo Salvador de Almeida
VOGAIS EFECTIVOS — José Pereira Serra e Alvaro Franco Neto
VOGAIS SUPLENTES — João José Alves, José da Fonseca Ribeiro e César da Conceição Baptista e Cunha

CONSELHO FISCAL

PRESIDENTE — Coronel José Augusto Faure da Rosa
RELATOR — Vítor Carvalho da Silva
SECRETÁRIO — Emílio Palet
VOGAIS SUPLENTES — Carlos José da Costa Carinha, Isidoro Duarte Santos e Henrique António Constant

CONSELHO SUPERIOR DELIBERATIVO

Dr. José B. Gonçalves Teixeira, General Arnaldo Costa Cabral de Quadros, Coronel José Augusto Faure da Rosa, Ayres Vaz Raposo, Dr. António J. Freire, D. Maria O'Neill, António Lobo Vilela, Pedro Cardia e Engenheiro Venceslau de Campos Casais.

VOGAIS SUPLENTES — Rafael Pereira Duarte, Joaquim Jacobetty Rosa e Engenheiro José Chedas Bogarim.

JUNTA CONSULTIVA

Dr.^{as} D. Amélia Cardia, D. Maria da Madre de Deus Leite Dinis, D. Maria Teresa de Miranda Sena, D. Quintina do Carmo Sales e Silva, Engenheira-agrónoma D. Clementina das Mercês Dine Rosado, General Júlio César Barata Foyo, Coronel-médico Dr. José Serrão de Azevedo, Capitão de Fragata Severiano A. Ivens Ferraz, Engenheiro Angelo Sarrea de Sousa Prado, Dr. José António Salvado da Mota, Dr. Virgílio Saque, Capitão-tenente José Freire Grainha, Dr. José Magalhães e Menezes, Eurico Humberto Tavares Moreira, Dr. António Esteves Rodrigues, Engenheiro José A. Manique de Albuquerque, Vasco Infante da Câmara, Engenheiro Augusto Bretes Teixeira de Vasconcelos, Pedro Carreira Dias de Sousa, Dr. Ramiro Guedes de Campos e Lázaro Correia.

NOTICIÁRIO

Conferências doutrinárias e sessões experimentais na sede da F. E. P. — Na sede da F. E. P. realizaram-se, nos dois últimos meses, as seguintes conferências doutrinárias e sessões experimentais:

Outubro:

Dia 20 — Sessão experimental.

Dia 27 — Conferência: «*Porque sofremos*» — António L. Vilela.

Novembro:

Dia 3 — Sessão experimental.

Dia 10 — Conferência: «*A vida póstuma*» — D. Maria O'Neill.

Dia 17 — Sessão experimental.

Dia 24 — Conferência: «*Em que pode consistir a felicidade*» — António L. Vilela.

Conferências de propaganda espirita na província — Como anunciámos no último número desta revista, partiu para o norte do país, em viagem de propaganda, a nossa ilustre e dedicada confrade Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria O'Neill, acedendo ao convite da *Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas*. As suas conferências foram extraordinariamente concorridas e muito apreciadas, fazendo-lhe a imprensa profana as mais honrosas referências e tendo a F. E. P. recebido numerosos telegramas e cartas de felicitação. O programa dessas conferências foi o seguinte: dia 16, Pôrto, «*A Verdade, o Bem e o Belo*»; dia 17, Braga, «*O Problema da Espiritualidade*»; dia 18, Gaia, «*O Espiritismo ante as idéas modernas*»; dia 20, Matosinhos, «*Os Fenómenos Espiritas*»; dia 21, Pôrto, «*Espiritismo e Divindade*»; dia 22, Figueira, «*O Espiritismo à face do Cristianismo*»; dia 25, Coimbra, «*A educação à face do Espiritismo*».

Transcrevemos a seguir algumas apreciações:

Do «*Comércio do Pôrto*» (17-11-929):
 ✕ «**A Verdade, o Bem e o Belo** — Uma notável conferência da brilhante escritora D. Maria O'Neill — Ontem à noite, perante um auditório deveras considerável, que enchia o vasto salão de festas do Ateneu, a sr.^a D. Maria O'Neill realizou a sua notável conferência subordinada ao título: *A Verdade, o Bem e o Belo*.

A distinta conferente foi apresentada à assistência pelo sr. dr. Francisco Morgado, presidente da direcção do Ateneu, que fez o elogio da ilustre escritora. Esta, depois de agradecer as referências que lhe foram feitas, iniciou o seu belo trabalho, perante a evidente curiosidade e interêsse de todos.

Na sala, em lugares de destaque, viam-se algumas figuras de relêvo nos meios científicos. E por entre a assistência, é grande o

número de artistas, advogados, médicos, professores, jornalistas, etc. A sr.^a D. Maria O'Neill teve a ouvi-la, além de uma assistência considerável, um grupo de intelectuais deveras apreciável.

A distinta escritora é, antes de tudo, uma oradora de raras qualidades. Eloqüente, sincera e claríssima no seu dizer, a sr.^a D. Maria O'Neill tem, como soi dizer-se, o dom da palavra que persuade e arrebatava. Depois, expõe com tal clareza, com tanta lealdade e tamanha sombra de argumentos — que a sua discussão resulta original, rara e inconfundível. Tôda a sua conferência de ontem foi, na essência, uma lição magistral de sociologia cristã, em que a moral pura, sem restrições nem falsas interpretações, teve a mais perfeita e eloqüente defesa. Foi notável, sem dúvida alguma, do princípio ao fim, esta palestra, que, se outro valor não tivesse — muito valia pela fôrça moral que defendeu, pela crítica oportuna e justa que fez dos erros e vícios da sociedade presente, pela luz espiritual que derramou nas almas que porventura dela carecessem, pelo equilíbrio que manteve do começo a fim e, sobretudo, pelas boas intenções que a ditaram.

A brilhante conferente, como pessoa de raros dotes de oratória que é, falou de cor, como diz o povo. Isto é, não leu: disse, de jacto, com rara fluência e eloqüência. Assim, percebeu-se bem que os seus pontos de vista são da alma, vivem na alma e sobem aos lábios a cada passo, quando é preciso.

Os principios, as ideias, os conceitos, são eternos e imutáveis no espirito esclarecido da sr.^a D. Maria O'Neill. As palavras é que variam, segundo as circunstâncias. De modo que torna-se impossível fazer uma colheita, o apanhado das palavras. Fiquem as ideias, que essas podem resumir-se em meia dúzia de frases.

A sr.^a D. Maria O'Neill defendeu a lei da consciência própria, contra o espirito sectário, que dogmatiza tudo e fecha os assuntos à curiosidade justa das almas ansiosas; defendeu e demonstrou, segundo crê, a vida sucessiva do espirito e provou, na sua crença, a imortalidade da alma. E todos os seus pontos de vista, todo o seu trabalho, podendo ser, é evidente, contestado, impôs-se ao auditório pelo brilho da forma, pela correcção da exposição e, de uma maneira especial, pela beleza e pureza das intenções. Por isso, no fim, a distinta escritora foi alvo dos mais calorosos aplausos, tôda a assistência se ergueu numa prolongada salva de palmas.

Depois, houve ainda um interessante diálogo, sôbre assuntos psíquicos, entre a sr.^a D. Maria O'Neill e o seu discípulo sr. José Pereira de Lima, moço de real talento, autor já de algumas obras ponderáveis. Novos ✓

aplausos coroaram a distinta escritora e o seu inteligente interlocutor, encerrando-se a sessão.

A sr.^a D. Maria O'Neill foi muito cumprimentada por diversas pessoas, entre as quais o sr. governador civil substituto, que esteve na mesa da presidência.

Do «*Jornal de Notícias*» (17-11-929) — Pôrto:

«**A conferência de D. Maria O'Neill** — *Sobre a «Verdade, o Bem e o Belo»* — Como estava anunciada, realizou-se ontem, no Ateneu Comercial do Pôrto, a conferência da ilustre escritora sr.^a D. Maria O'Neill, da Academia das Ciências de Portugal.

Presidiu o sr. tenente-coronel dr. Francisco Morgado, secretariado pelos srs. dr. Guilherme Braga e Augusto Ribeiro Pinto. O presidente fez, ao apresentar a douta oradora, um esplêndido discurso, historiando religiões e definindo princípios.

D. Maria O'Neill, grave, modesta e serena, levanta-se e agradece. Depois, dirigindo-se aos seus ouvintes, presos das vibrações da sua voz, principia:

— A «Verdade, o Bem e o Belo»... A Verdade é o assunto primordial da minha conferência. O Bem e o Belo são conseqüências dêsse grande absoluto — a Verdade.

E' notável a audácia — afirma D. Maria O'Neill com uma convicção que emociona — com que alguns falam daquilo que não compreendem, que, por falta de cultura especializada, não podem compreender!

A Verdade, apregoada por muitos, só pode ser compreendida por muito poucos e não será jamais atingida por alguém. E' um «absoluto». E o homem, um relativo, nunca poderá compreender tal grandiosidade, cujas dimensões não têm limites, porque, para Ela, não existem nem o tempo nem o espaço. A Verdade não tem dimensões — nem teve principio, nem há-de ter fim. A Verdade não pode, pois, estar encerrada num sistema filosófico, num principio scientifico, numa concepção politica ou num dogma religioso. A Verdade existe, sim, mas sempre mais além, sempre mais longe, porque está no Infinito, porque é um absoluto. Podemos, no entanto, aproximarmo-nos da Verdade e, quanto mais nos aproximemos dêsse divino absoluto, mais nos aproximaremos das suas radiosas conseqüências — o Bem e o Belo.

O homem sem atender à verdade, vã, vã — eleva-se, constantemente ao âmbito estranho das suas ambições e, como não se escuta, como não analisa os ditames da sua própria consciência, (onde existe o reflexo sublime da Verdade) é inconscientemente, é por mera casualidade que atinge o trono ambicionado. Mas, como é por acaso que caminha, a sua obra pode conduzi-lo, não ao trono que sonhou, que a sua fantasia tapetou de flores, mas ao horrendo cadafalso que destrói a honra, a dignidade e o brio.

Eis o que sucede aos que, desviando-se

da Verdade, caminham ao acaso na vida. (Muitas palmas). Depois: — Os que se aproximam da Verdade nunca perguntam, ao verem um farrapo da matéria, um corcunda, um cego ou um demente, onde está a justiça de Deus. E não perguntam porque sabem, por experiência própria, por noções experimentais e rigorosamente scientificas, bebidas nos estudos psicicos, nas sessões de espiritismo experimental, que Deus é justo e é bom!

E D. Maria O'Neill, em linguagem fácil, num à-vontade próprio de quem está habituado a dominar grandes assistências, explica então porque é que a conformação fisica difere tanto no homem como difere a intelectual. Segundo as suas doudas comparações, conclui-se que a vida é um liceu. O homem «tem de passar o ano; mas, como para isso precisa de ser estudioso e aplicado, há os que levam muitos anos a completar um único».

Praticamente, mais terra a terra: O homem que, no Mundo, sabe cumprir os seus deveres, se aproximou da Verdade, colhe os frutos do Bem e do Belo. Os outros, os que tem de «repetir o ano», precisam de purificar os seus actos em vidas sucessivas, para se lhes iluminar a alma.

E, após um curto silêncio, durante o qual se ouviu ecoar no espaço o som aprovador de uma ruidosa salva de palmas, disse: — O catecismo ensina-nos que Deus criou o homem à «sua imagem e semelhança». E' certo, embora não se compreenda imediatamente. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança porque, entre ambos, há de comum a Consciência, a Fôrça e a Matéria.

D. Maria O'Neill tem definições repletas de verdade e de beleza. Esclarece muitos pontos enigmáticos da Eternidade da vida e disserta sobre o complexo problema da alma, com vigor, com precisão, com amplo conhecimento de causa.

A oradora termina a sua interessantissima conferência por um curto diálogo demonstrativo com o seu discipulo, o distinto escritor sr. José Pereira de Lima, de quem primeiro faz o elogio, sincero e justo. No fim, D. Maria O'Neill foi aplaudida demoradamente por tôda a assistência, tendo-lhe apresentado cumprimentos os representantes das autoridades civis e militares e os scientists presentes, entre os quais figuravam os srs. drs. Pires de Lima e Alexandre de Sousa Pinto.

De «*O Comércio de Leixões*» (24-11-929) — Matosinhos:

«**Fenómenos Espiritas** — *A consagrada escritora D. Maria O'Neill, da Academia de Ciências de Portugal, em Matosinhos* — Como *O Comércio de Leixões* anunciou, a distintissima escritora e jornalista D. Maria O'Neill, veio ao Teatro de Matosinhos, realizar uma conferência, na passada quarta-feira.

Antes, porém, a inspirada autora da *Luta de Sentimentos*, teve a gentileza de realizar algumas visitas a colectividades de Matosinhos; e assim, logo após a sua chegada, dirigiu-se à Creche de Santa Maria, acompanhada de sua comitiva. S. Ex.^a era aguardada na secretaria daquela colectividade pelo director da Creche e algumas senhoras, sendo-lhe apresentados os cumprimentos de boas vindas.

A ilustre escritora percorreu todas as dependências da Creche, examinando-as minuciosamente e detendo-se algum tempo no dormitório, que achou encantador. Voltando à secretaria, s. ex.^a deixou exarada no livro de visitantes, a seguinte quadra:

*Os que amam as criancinhas
E criam, com muito amor,
Seguem os traços na terra,
Que deixou Nosso Senhor.*

20-11-929

MARIA O'NEILL

Terminada a visita, s. ex.^a deixou aquela casa de caridade, dirigindo-se, com a sua comitiva, para a redacção do nosso jornal. Na sala da redacção foi a distinta escritora recebida pelo nosso camarada Santos Lessa com quem esteve conversando demoradamente, procurando interessar-se pelas iniciativas de arte e benemerência realizadas pelo nosso jornal. O nosso camarada teve ensejo de lhe oferecer um exemplar do seu livro *Alvoradas de Fé* e uma colecção de fotografias da Creche de Santa Maria e da redacção de *O Comércio de Leixões*. Ao recebê-las, a Sr.^a D. Maria O'Neill disse: —*Guardá-las hei com todo o carinho.*

Deixando o edificio do nosso jornal, dirigiu-se s. ex.^a para a sede do Club Naval Vasco da Gama, percorrendo todas as suas dependências, acompanhada pelo Sr. José Maria Gomes, digno 1.^o Secretário e outros membros da direcção bem como por alguns sócios. Numa das salas foi oferecido à ilustre visitante, um *Porto de honra*, tendo o Sr. José Maria Gomes dirigido àquela senhora palavras muito lisongeiças, num brinde que lhe ergueu, e que s. ex.^a agradeceu, muito comovida. Neste momento a galante sobrinha daquele cavalheiro, a menina Maria Ivone de Freitas, entregou à Sr.^a D. Maria O'Neill um elegante ramo de flores naturais. A ilustre escritora, teve para a gentil Maria Ivone, esta frase interessante:

— Um ramo de flores dado por uma flor!...

Nesta altura, sabe-se que no Teatro era enorme a ansiedade em ouvir a ilustrada conferente, de forma que não foi possível s. ex.^a realizar a sua visita ao Orfeão de Matosinhos, dirigindo-se, a pé, para o Teatro Constantino Nery.

Uma hora antes da anunciada, já a nossa primeira sala de espectáculos estava repleta de pessoas de todas as categorias sociais. Ali se viam médicos, advogados, jornalistas, homens de letras, proprietários, capitalistas,

escritores, etc. Ao subir o pano, a plateia, balcões, camarotes e galerias, deveriam conter o dôbro da lotação, havendo muita gente espalhada pelas coxias. No palco, viam-se muitas senhoras e cavalheiros da nossa melhor sociedade.

Abre a sessão o sr. Luís José de Oliveira anunciando que, a convite do Grupo Espirita de Matosinhos, ali se encontrava a distinta escritora D. Maria O'Neill, que iria realizar a sua anunciada conferência. O Sr. Oliveira convida para a presidência o Sr. Dr. Leonardo Coimbra. O ilustre professor da Faculdade de Letras da nossa Universidade, convidou para seus secretários, os Srs. Dr. Amilcar de Sousa e Santos Lessa. Depois, toma a palavra para apresentar a conferente, a quem dirige palavras de justiça e admiração pela obra que voluntariamente vem realizando. Diz que o homem tem dentro de si um espírito e que a humanidade atravessa uma época de aspiração espiritual.

Afirma que está ali, não como espirita doutrinário; mas é de opinião que o homem deve saber conhecer os fenómenos, pelo esforço da sua alma e da sua inteligência. Está ali por absoluta consideração pela conferente. Não acredita que haja alguém que ignore que a curiosidade de conhecer os fenómenos bateu a todas as portas. O Sr. Dr. Leonardo Coimbra cita nomes de homens ilustres que crêem no espiritismo; lê alguns capítulos do livro de um sacerdote, que também o não nega; e termina por dar a palavra à ilustre Conferente.

A sr.^a D. Maria O'Neill começa por agradecer ao Sr. Dr. Leonardo Coimbra, as suas palavras, entrando logo no assunto da sua conferência, dizendo que a Federação Espirita não fecha a ninguém as portas do seu pensamento.

Diz que um corpo onde não há a crença em Deus, é como uma flor sem perfume; é como uma camélia. A palavra *espiritismo*, anda por aí muito deturpada; há quem julgue que *espiritismo* é a bruxaria, a cartomância e tudo o mais que por aí se faz e se permite; não; isso não é espiritismo; isso é magia negra e da pior espécie. O espiritismo do ocidente, é a ideia cristã em toda a sua beleza. Há quem olhe o espiritismo como uma religião, como uma ciência ou como um meio de investigação; é este último que me encanta, porque é de todos e para todos; estuda-o há 11 anos; e, em várias sessões espiritas a que tem assistido, tem visto coisas que não são nada espiritas.

Diz S. Ex.^a que há espíritos mistificados, como o foram na terra. Passando a explicar o que dizem os espíritos, afirma que eles dizem:—E' necessário muito cuidado e assim é. Fazer espiritismo sem o conhecer, é um perigo, que até pode ser um perigo de morte; é como que brincar com a pólvora ou com produtos químicos, sem conhecer as suas propriedades. Devem ser puras as pessoas que o praticam porque essas, estão

abrigadas por sua natureza. Tem tido provas do que afirma, na sua longa experiência. O espiritismo é uma verdade; e as divinas verdades não se podem reflectir no lódo. Há uma frase verdadeira que é: — quando o discípulo está pronto, o mestre também o está.

Depois, a ilustre oradora, que durante a sua bela exposição tem imagens interessantes e afirmações seguras, conta o caso de três viúvas, suas amigas, uma das quais, que era cega dos dois olhos, recorreu à *médium* Alice Santa Rosa, que não via pelos olhos mas sim pelas pontas dos dedos, quando magnetizada, para se pôr em contacto com seu marido.

E, entre uma calorosa salva de palmas, a Sr.^a D. Maria O'Neill dá por finda a sua conferência, tendo sido muito cumprimentada e felicitada. Seguidamente e a pedido da ilustre senhora, o seu discípulo sr. José Pereria de Lima conta e explica o modo como entrou no espiritismo.

No final dessa exposição, o Sr. Dr. Leonardo Coimbra, prestando a sua homenagem à distinta conferente, encerra a sessão.

*

Do «*Jornal de Noticias*» (27-11-929) — Pôrto:

«**No Centro Comercial do Pôrto — A conferência de D. Maria O'Neill**— A ilustre escritora sr.^a D. Maria O'Neill realizou na passada quinta-feira, no salão nobre do Centro Comercial do Pôrto, a sua anunciada conferência sob o têmea: «Espiritismo e Divindade», tendo a ouvi-la uma assistência escolhida, entre a qual destacamos ornamentos muito ilustres na vida social, artistica e intellectual do Pôrto.

A ilustre conferencista foi apresentada pelo sr. dr. Medina, que presidiu à mesa, secretariado pelos srs. dr. Amílcar de Sousa e Hugo Rocha. Poucas palavras — inteligente e desassombradamente pronunciadas.

D. Maria O'Neill, saudada por toda a assistência — 600 pessoas, fora... as que se foram embora, por não terem lugar, nem na própria escada... — começa por se declarar doente — doente do corpo — diz — e, conseqüentemente, onde está um corpo físico doente, não pode estar um espirito com saúde.

Entra depois, com aquela eloqüência que todos lhe reconhecem na defeza dos seus pontos de vista espirituais, defeza que constituiu uma admirável lição de principios de Consciência — catedral de Moralidade alicerçada pela máxima do Divino Mestre: — não faças aos outros o que não queres que te façam, e faze por êles tudo o que por êles puderes fazer...

Descreve-nos a função humana da Caridade — da caridade — diz — que, ao contrário do que tantos afirmam e do que tantos praticam, deve começar nos outros e acabar em nós... Referindo-se aos sábios, classifica-os, conforme à pureza da sua consciência, a imor-

talidade da sua obra, a espiritualidade da sua doutrina.

— Os outros, aqueles que se especializaram em determinada sciência, em determinada obra de matéria, em determinado crêdo ou em determinada politica de latitudes indefinidas — não são sábios, são sabedores...

A conferencista, que não está ali para agradar a Gregos ou a Troianos, proclama bem alto, bem valorosamente, a pureza dos seus principios doutrinários. Aqueles a quem êles possam caber na consciência, que nela os guardem religiosamente. Se porventura nela não encontrarem éco, affecto ou simples simpatia, deem-nos fora, que isso lhe é completamente indifferente...

Fala, ainda, de Deus, do Céu e do Inferno, produzindo sobre isso afirmações interessantissimas a que a falta de espaço nos não deixa referir.

— Deus! Eu não posso conceber um Deus pior do que eu sou! Um Deus criador das penas eternas, das labaredas do Inferno, das experiências cruéis do Purgatório! Deus é bom, Deus é clemente, Deus não é tirano, — não é o Nero das almas de que nos fala o católico ignorante — medroso de tantas iniquidades illusórias inventadas para «papão» de meninos pelos *alto-falantes* da especulação religiosa...

— O Céu e o Inferno — que todos se convençam disso — somos nós que os fazemos, conforme os nossos actos, a pureza ou a iniquidade das nossas intenções...

A conferencista termina por agradecer à assistência a sua presença ali, desejando, no seu regresso a Lisboa, levar bem no fundo da sua alma a certeza de que uma recordação de indelével carinho ficará à volta do seu nome...

A assistência aplaude freneticamente a distintissima escritora e grande oradora.

A sr.^a D. Maria O'Neill ainda realizou, por fim, uma pequena palestra filosofica com um seu discípulo sobre assuntos de consciência, em que, sendo abordado o têmea espirita, prôpriamente dito, as suas verdades saltavam à intelligência dos ouvintes, como azeite à tona de água...

Dentre a assistência, além de muitissimas senhoras, destacamos os nomes dos srs. tenente Afonso Henriques de Almeida representando o sr. governador civil do Porto, o insigne escultor Teixeira Lopes, dr. Alberto de Aguiar, director da Faculdade de Medicina; dr. Lobão de Carvalho, coronel Tristão Pais de Figueiredo, capitão Pimentel, etc., etc.

A sr.^a D. Maria O'Neill, como é já do conhecimento público, realizou a sua série de conferências a convite da Sociedade Portuense de Investigações Psiquicas.

Um grande benemérito — O nosso benemérito Confrade sr. Firmino da Assunção Teixeira teve a alta generosidade de enviar mais sessenta mil escudos (60.000\$00) para

a subscrição pró-sede, prefazendo assim a importância de oitenta mil escudos (80.000\$00). E' um exemplo admirável de abnegação, tanto mais que este nosso dedicadíssimo amigo sofreu ultimamente consideráveis prejuizos nos seus negócios. Através da vida da F. E. P., o seu nome será, certamente, um simbolo de altruismo que todos os espiritas inscrevem na memória com superior respeito e profunda gratidão.

União Espirita Alentejana—Deve realizar-se no próximo mês de Maio a 1.^a Reunião Magna dos Espiritas alentejanos que há-de resolver sôbre a constituição da União Espirita Alentejana.

Os promotores daquela reunião sentem-se bastante compensados do seu esforço em virtude das numerosas adesões que teem obtido, esperando que ela resulte proveitosa e brilhante. Pensa-se que a sede ficará sendo na cidade de Evora para o que se torna indispensável que um importante Centro ali seja organizado.

Assembleias Gerais da F. E. P.—Efectuou-se no dia 25 de Agosto findo uma assembleia geral extraordinária onde foram preenchidos os cargos que tinham vagado nos corpos gerentes, tratando-se da construção da sede própria da F. E. P. e da realização

do 2.^o Congresso Espirita Português, resolvendo-se nomear uma Comissão encarregada de rever os estatutos que devia apresentar numa nova assembleia as alterações que julgasse conveniente e oportuno introduzir-lhes.

Esta Assembleia Geral extraordinária teve lugar no dia 30 de Novembro sendo aprovadas as alterações aos Estatutos propostas pela Direcção, as quais consistiam no seguinte: suprimir os cargos de 2.^o Vice-Presidente e de Secretário Geral da Direcção; reduzir o Conselho Superior Deliberativo aos Presidentes e Vice-Presidentes da Direcção, do Conselho Fiscal e da Mesa da Assembleia Geral e a quatro membros efectivos e três suplentes nomeados pela Assembleia, para assim facilitar a sua reunião; a época de realização dos Congressos Espiritas Nacionais passa a ser determinada pelo Conselho Superior Deliberativo, tendo a Assembleia reconhecido que o 2.^o Congresso Espirita Português deve antes realizar-se no próximo ano de 1930 inaugurando a sede própria.

No dia 14 de Dezembro corrente procedeu-se à eleição dos corpos gerentes da F. E. P. para o novo triénio de 1930 a 1932 cuja lista, aprovada por aclamação, inserimos em outro logar.

Subscrição Pró-Federação Espirita Portuguesa

(Para construção de edificio próprio)

Transporte — 113.609\$80. *Póvoa de Varzim* — Firmino da Assunção Teixeira, 60.000\$00; *Abrantes* — «Grupo Luz e Caridade», 150\$00; *Almeirim* — Grupo Espirita «Luz nas Trevas», 10\$00; *Lagôa* — Lista de José Francisco Cabrita, 25\$00; *Alcobaça* — Bernardo Correia de Almeida, 50\$00; *Lisboa* — Luís Gonçalves da Fonseca, 100\$00; G. B., 50\$00; *Pôrto Moniz (Ilha da Madeira)* — David Teixeira de Paiva, 100\$00; *Sá da Bandeira, (Angola)* — Serafim da Silva Jorge, 12\$00; *Bissau (Guiné)* — António Sabino Simões Neto, 56\$00; *Brasil: Caxambú* — «Grupo Espirita 25 de Dezembro», 72\$00; *Corumbá (Mato Grosso)* — Centro Espirita «Bezerra de Menezes», 150\$50; *Jaraguá (Maceió, Alagoas)* — Lista de Jaime Xavier da Silva, 185\$00; *Natal (Rio Grande do Norte)* — Lista do Dr. Daniel Trindade, 89\$00; Fortunato Aranha e pessoas de Família, 154\$00; *Rio de Janeiro* — Francisco Alves Correia, sua lista, 359\$00; F. E. B., 48\$00. — **SOMA: 175.180\$30.**

Caixa de Propaganda

(Subscrição Permanente)

Humberto N. da Silva, Funchal — 20\$00; António P. D. Guimarães, Porto — 7\$50; Torcato C. Ferreira, Almeirim — 2\$50; F. I. Pereira, Brinches — 2\$50; A. Armada, Beira, Moçambique — 107\$30; Oriente, Lisboa — 10\$00; Francisco Alves, Lisboa — 100\$00; João Miguel de Moraes Soares, Bolama, Guiné — 30\$00; Serafim da S. Jorge, Sá da Bandeira — 10\$00; Joaquim A. S. Figueiredo, Sá da Bandeira — 8\$00; António Teixeira de Gouveia, Funchal — 4\$00; M. A., Lisboa — 20\$00; Firmino da Assunção Teixeira, Póvoa de Varzim — 400\$00; C. I. V., Estoril — 200\$00.

INDICE

<i>Sobre a Comunicação com os Espíritos</i> — António Lobo Vilela	3
<i>As minhas Mediunidades</i> — Prof. Luigi Bellotti	14
<i>Apport duma alcachofra</i> — M. ^{me} Frondoni Lacombe.	17
<i>Um caso de Identificação Espirita</i> — Dr. ^a Amélia Cardia	18
<i>Sócio Benemérito</i>	19
<i>O Espiritismo e a Arte</i> — I, Victorien Sardou — Pedro Cardia	20
<i>Impressões dos Congressos Antroposóficos Ingleses de 1927 e 1928</i> — Dr. Carlos Santos, filho.	24
<i>Inquérito</i> — M. Léon Chevreuil	28
<i>Crónica Estrangeira</i> — Pedro Cardia	30, 71, 108, 150, 192
<i>Bibliografia</i> — P. C.	34, 114, 154
<i>Noticiário</i>	55, 75, 115, 155, 197, 235
<i>Os Métodos de Investigação do Mundo Espiritual</i> — Pedro Cardia	41
<i>Da Existência e Imortalidade da Alma</i> — A. Gomes Duarte	45
<i>Apport dum Girasol</i> — M. ^{me} Frondoni Lacombe	49
<i>Porta de Luz</i> — D. Maria O'Neill.	50
<i>O Espírito é a Verdade</i> — Eugénio Tavares.	52
<i>Carta ao Sr. Fernando de Sousa</i> — Dr. ^a Amélia Cardia	57
<i>O Espiritismo e a Arte</i> — II, Agostinho Lesage — Pedro Cardia	60
<i>Inquérito</i> — Mr. André Ripert	65
<i>O Sonho de Prometeu</i> — António Lobo Vilela	66
<i>Dr. Afonso A. Martins Velho</i>	70
<i>Factos Supranormais</i>	74, 196, 229
<i>Ensaio sobre a natureza e estrutura da Matéria</i> — António Lobo Vilela	81
<i>Espiritismo e Medicina</i> — Dr. A. D. Pratas	95
<i>Exegese filosófica-metafísica do Espiritismo</i> , I e II — Quintiu Lopez	97, 129
<i>Um caso de bilocação consciente</i> — António Sebastião Monteiro	100
<i>A Autoridade</i> — Dr. ^a Amélia Cardia	101
<i>O Espiritismo e a Arte</i> — III, Luigi Bellotti — Pedro Cardia	103
<i>Concurso de Clarividência Psicométrica</i>	107 e 195
<i>Vozes do Além</i> — Mousinho de Albuquerque	111
<i>O ABC do Espiritismo</i> — Dr. ^a Amélia Cardia	121
<i>Os Fenómenos Espiritoides, a Sobrevivência e a Imortalidade</i> — X.	125
<i>A Psicoterapia</i> — Augusto Flores.	127
<i>No Domínio dos Factos</i> — Zanelli Caldas	134
<i>O Evangelho do Futuro</i> — Isidoro Duarte dos Santos	136
<i>Inquérito</i> — D. Maria O'Neill	138
<i>O Espiritismo e a Arte</i> — IV, Marjan Gruzewski — Pedro Cardia	140
<i>Projecto da Sede da Federação Espirita Portuguesa</i>	147
<i>A Igreja e as Investigações Psíquicas</i> — A. Gomes Duarte	161
<i>O Sentimento da Imortalidade</i> — Eugénio Tavares	173
<i>Sobre o Problema do Mal</i> — III e IV — António Lobo Vilela	177 e 219
<i>O Espiritismo e a Arte</i> — V, Guilhermina Assmann — Pedro Cardia	180
<i>Inquérito</i> — Angel Aguarod	184
<i>Boletim da F. E. P. enviado à F. E. I.</i>	188
<i>Práticas Supersticiosas</i> — A. Gomes Duarte	201
<i>Religiões</i> — Eugénio Tavares	209
<i>Uma Viagem pela Cidade da Luz</i> — Augusto Flores.	212
<i>A divina Lei da Reincarnação do Espírito</i> — Gamaliel.	214
<i>Um caso de Aparição</i> — Joaquim Dias Mota	224
<i>Três Fantasmas</i> — António Barbosa.	225
<i>Inquérito</i> — Pedro Camargo (Vinicius)	226
<i>Federação Espirita Portuguesa — Corpos Gerentes para o triénio de 1930 a 1932.</i>	234

AVISO — A começar em Janeiro de 1930 os preços desta Revista passam a ser os seguintes: Portugal Continental, Ilhas e Espanha—18\$00; Colónias Portuguesas — 22\$50; Brasil — 12\$50 (moeda brasileira); Estrangeiro — 40 francos franceses.